II Série—Ano I—N.º 20
Sábado, 29 de Maio de 1948

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)

CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA

PREÇO 1$00

Redacção e Administração:
R. Gomes Freire, 30-2.º-Lisboa
Telefone 43 168

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

A VITÓRIA QUE VENCE É A FÉ

O Apóstolo S. João escreveu aos cristãos do seu tempo — aos primeiros cristãos esmagados pela perseguição de Nero — uma lindíssima carta para lhes dar a necessária coragem. Escreveu ele: «a vitória que vence o mundo é a nossa Fé».

À distância de dezanove séculos sobre tais estranhas palavras, podemos medir exactamente o verdadeiro valor da Fé.

Os primeiros cristãos, pequenino rebanho disperso na imensidade da terra, açoutado e perseguido de todos os lados, venceram o império que queria aniquilar, sem ter nunca empregado qualquer espécie de armas. A única foi a sua Fé!

Ardiam, untados de pêz, nos jardins do sanguinário imperador. Divertiam os espectadores nos «estádios» romanos, servindo de refeição às feras. Eram martirizados de todas as formas mais refinadas da tortura. Mas o sangue derramado sobre a terra, à maneira da semente reproduzia novos cristãos, de cada vez mais numerosos e mais cheios de entusiasmo. Venceram, de facto, o mundo!

Pensam muitos que a mesma Fé já não existe em nossos dias. Como se iludem! A mesmíssima Fé. O mesmíssimo entusiasmo. A mesmíssima certeza da vitória sobre o mundo.

À custa de sacrifícios, humilhações e sofrimentos sem conta? Por certo. Mas, no fim, a certeza de que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, leve o tempo que levar.

Se fôssemos a contar—mas isso não o faremos—com que espírito de Fé este jornal, por exemplo, é lido, comprado, espalhado, servido e amado por esse país fora, isso constituiria uma autêntica revelação! Mas não: guardaremos esse segredo para nós, como estímulo e conforto para as nossas próprias lutas — o segredo de todo esse belo trabalho de tantos, em quem brilha a mesma chama que iluminou a alma ardente dos nossos primeiros irmãos na Fé.

Rudes trabalhadores que andais de porta em porta juntando migalhas para nos trazer assinaturas; rapazes que ocupais o tempo livre em levar «O Trabalhador» a casa dos vossos camaradas; empregados que comprais o jornal para o deixar aqui e ali, sabei que o vosso esforço, a vossa Fé, o vosso entusiasmo não é isolado nem será perdido.

(Continua na 5.ª página)

HIGIENE INDUSTRIAL

UMA OFICINA IDEAL

A revista «Indústria Portuguesa» no seu número de Março último publica interessantes considerações sobre higiene industrial.

Diz a revista:

«Cada indústria requer acomodações e disposições especiais, conforme a sua natureza, para defesa da saúde dos operários que nela trabalham».

Para a conservação do asseio, tão escrupuloso quanto possível, diz o articulista, que «se requer não sòmente a educação do pessoal operário, como também certas particularidades de construção da própria oficina e seus anexos. Precisamente porque faltam essas particularidades é que operário o operário se desabituou ou por outra, nunca aprendeu a utilizá-las.

E o articulista prossegue:

«Evidentemente os locais devem ser varridos pelo menos uma vez em cada dia antes de se iniciar o trabalho quotidiano na oficina ou depois de terminado. E sempre a vassoura deve ser precedida da aspersão com água, ou substituída pela aspiração com um aparelho próprio, porque no caso contrário o seu efeito será deslocar a poeira para o ar, donde virá a cair sobre móveis, maquinismos, ferramentas e materiais em depósito. Mas para que essa limpeza quotidiana com aspirador ou vassoura seja perfeita, e para que a lavagem com água jorrante seja útil, é necessário que os pavimentos sejam impermeáveis de sua natureza ou impermeabilizados por um revestimento que se lhes aplique, e que as paredes tenham, do mesmo modo, as qualidades que lhes permitam a lavagem com água simples ou com soluções antisépticas.

Tudo isto exige que as oficinas disponham de água encanada com abundância, conforme a sua importância e a natureza do trabalho. Nem sempre, porém, será essa água boa para beber, ou pelas matérias nela dissolvidas, umas vezes mineralização exagerada, em outras matérias tóxicas, ou porque não dê garantias suficientes de purificação microbiana. Esta consideração poderá obrigar à adopção de disposições que corrijam quìmicamente ou purifiquem a água com que os operários saciem a sede.

A defesa contra os micróbios exige ainda que se proceda à evacuação perfeita das águas de esgoto e de certos produtos que constituem resíduos de fabricação».

Outros anexos das oficinas são o vestuário, os lavatórios e os duches.

A VENTILAÇÃO

«Como a via mais fácil de entrada no corpo é a pulmonar, e como estabelecemos continuamente trocas gasosas com o ar que nos rodeia, a conservação das boas qualidades desse ar obriga a uma série de disposições importantes nas oficinas, seja qual for a indústria a que se apliquem.

Quando alguém respira num ar que se não renova ou se acumulam exageradamente pessoas num espaço mal ventilado, o ar empobrece em oxigénio e carrega-se de gás carbónico além de outras emanações. Tudo isso o torna impróprio para o bom exercício da função respiratória. Admite-se, em geral, que a população das oficinas seja estabelecida por forma que a cubagem, para cada operário, não desça abaixo de 14 metros cúbicos, para evitar não só o excesso de gás carbónico, mas também uma elevada exageração da temperatura.

Mas é ainda necessário renovar esse ar, de modo que entrem na oficina cerca de 60 metros cúbicos de ar para cada operário em cada hora. Esta ventilação faz-se pelas janelas; e quando este processo comum é insuficiente, por meio de chaminés, vidros

(Continua na 8.ª pág).

RECTIFICAÇÃO NECESSÁRIA

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
© Todos os direitos reservados

No nosso número do último sábado, no artigo da primeira página: «Aos católicos do nosso tempo», por um lamentável lapso de que não fomos inteiramente culpados,, saiu truncada, e portanto, incompleta e incompreensível, uma citação dum discurso de Sua Santidade o Papa Pio XII.

Apressamo-nos a rectificar o erro, não só porque uma citação ou se não faz ou então faz-se integralmente, mas também pelo respeito que nos merecem as palavras do Sumo Pontífice, Mestre e depositário da Verdade. Aliás, não queremos ser acusados — e só essa nos falta — de falsificadores de textos pontifícios.

O respeito que nos merecem os nossos leitores impele-nos também a pedir-lhes desculpa desta falta. Seria com efeito incompreensível que os induzíssemos em erro, nós católicos, quando não há um único protestante nem um único ateu capaz de fazer uma citação da maneira como nós a fizemos: incompleta e sem o seu verdadeiro sentido. Se tivesse sido intencional, era, pelo menos, desonesto.

A citação a que nos referimos é a que segue. Vai em itálico a parte que saltou na transcrição:

«Vós certamente não ignorais, amados filhos e filhas, que a Igreja vos ama enternecidamente com ardor e afecto maternal que não são de hoje, e que com vivo sentido da realidade das coisas examinou as questões que vos tocam mais de perto: os Nossos predecessores e Nós mesmo, com repetidas doutrinações, não perdemos ocasião alguma para fazer compreender a todos as nossas necessidades e exigências pessoais e familiares, *proclamando como postulados fundamentais da concórdia social aquelas aspirações que vos estão tanto a peito: um salário que assegure a existência da família e seja tal que torne possível aos pais o cumprimento do dever natural de criar prole sãmente alimentada e vestida; habitação digna de pessoas humanas; possibilidade de dar aos filhos suficiente instrução e educação conveniente, de prover e adoptar providências para os tempos de escassez, doença e velhice. Há que levar ao fim estas condições de providência social, se se quer que a sociedade não seja abalada de tempos a tempos por turvos fermentos e convulsões perigosas, mas se pacifique e progrida na harmonia, na paz e no mútuo amor.*

«Pois bem, por mais louváveis que sejam diversas providências e concessões dos poderes públicos e o sentimento humano e generoso que anima não poucos patrões, quem poderá assegurar e defender que tais propósitos se realizam por toda a parte»?

(Pio XII, discurso aos operários, em 13-6-943, in A Igreja e a Questão Social. ed. União Gráfica, 3.ª ed., pág. 261).

MORREU O PADRE FLANAGAN

Para muitos dos nossos leitores é natural que este nome pouco ou nada diga; mas se o associarmos à ideia a que ele deu realidade — a Aldeia dos Rapazes — o seu vulto recortar-se-á com nitidez e assumirá aos olhos de todos uma perspectiva verdadeiramente grandiosa.

O cinema focou a obra e a figura admirável do Padre Flanagan. Entre nós foram exibidos os dois filmes «Alarme na cidade dos rapazes» e «Homens de amanhã» com Spencer Tracy e Mickey Rooney, nos protagonistas. Flanagan nasceu na Irlanda em Julho de 1887. Chegou aos Estados Unidos, aos 17 anos, onde

(Continua na 5.ª página)

Deus é nosso pai

Nós somos todos irmãos

Amemo-nos uns aos outros

TEMAS DO EVANGELHO

...E JESUS DISSE...

«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de finíssimo linho e todos os dias se banqueteava esplêndidamente

«E havia um mendigo, chamado Lázaro, que jazia às portas do rico, todo chagado, e desejoso de se fartar com as migalhas que caíam da mesa do rico, sem que ninguém lhas desse. Porém os cães aproximavam-se e lambiam as chagas do mendigo.

«Aconteceu morrer o pobre. Vieram os anjos e levaram-no para o seio de Abraão. Por sua vez, também o rico morreu. E foi sepultado no inferno.

«Erguendo então os olhos do meio dos seus tormentos viu, ao longe, Abraão e a Lázaro no seu seio. E erguendo a voz, clamou: Pai Abrão, tem compaixão de mim, e envia-me Lázaro que molhe em água as pontas dos seus dedos para refrescar a minha língua, porque sou atormentado nestas chamas.

«Abraão respondeu-lhe: Filho, recorda-te que recebeste muitos bens durante a tua vida, e Lázaro recebeu males; agora é ele aqui consolado e tu atormentado. Aliás, entre vós e nós foi cavado um abismo intransponível, de maneira que não se pode passar de cá para aí, nem daí para cá.

«E o rico disse-lhe: peço-te então, Pai, que o envies a casa de meus pais onde tenho cinco irmãos, para que os avise a fim de que não venham a cair neste lugar de tormentos.

«Mas Abraão respondeu-lhe: têm a Moisés e aos Profetas! que os oiçam.

«Não, Pai Abraão, se algum dentre os mortos for ter com eles, por certo que farão penitência.

«Ao que Abrão retorquiu: se não ouvirem a Moisés e aos Profetas, tão pouco ouvirão algum dos mortos que ressuscite».

((Evangelho de S. Lucas, cap. XVI, vers. 19-31).

SORRINDO...

Um velhote entra numa farmácia e pede:

— Dê-me um comprimido de monaticacedastro de ácido salicílico.

— Uma aspirina, não é o que o senhor quer dizer? — diz-lhe o farmacêutico.

— Isso mesmo. É uma maçada: nunca consigo lembrar-me dessa palavra.

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

O dia 28 de Maio foi comemorado com a inauguração de vários e importantes melhoramentos. No Instituto Superior Técnico inaugurou-se a «exposição documental de Obras Públicas».

— Em Ferreira do Alentejo procedeu-se à inauguração de um bairro social a que presidiu o sr. Ministro do Interior, estando presente o senhor Bispo de Beja que proferiu algumas palavras sobre a obra inaugurada que disse ser «a favor dos que vivem do trabalho».

— Já está inaugurado o novo edifício de 7 andares do hospital de Oncologia, com lotação para 300 doentes.

— Angola e Moçambique vão ter escolas para preparação dos presuntivos herdeiros das autoridades gentílicas que no final do curso, virão estagiar na Metrópole.

— Foi lançada a primeira pedra do templo a construir em Lisboa em honra do Santo Condestável. Ao acto assistiu o Senhor Cardeal Patriarca, membros do Governo, o exército e a marinha.

— Inaugurou-se no Bombarral o Corpo Nacional de Escutas cujo acto inaugural constituiu verdadeira jornada de defesa dos interesses da juventude.

— Leiria prepara o seu 2.º Congresso Distrital a inaugurar nas Caldas da Rainha em Setembro.

— Portugal fez-se representar na Conferência Económica Europeia.

— Foi assinado um acordo comercial entre Portugal e a França, que prevê um total de trocas no quantitativo de 14 biliões de francos.

— Abriu em Lisboa a «Feira do Livro» que, como nos últimos anos, ocupa parte de um dos passeios da Avenida da Liberdade.

— Partiram para as colónias balneares infantis da Foz do Arelho e Matosinhos os primeiros turnos de crianças, filhos de trabalhadores do Alentejo.

— Está em Lisboa o sr. capitão de Mar e Guerra Richardeon, comandante da esquadra americana que em Junho visita Portugal.

A fim de tratar da recepção à esquadra americana já se encontra entre nós o sr. comandante Mac Llallen, adido naval dos Estados Unidos no nosso país.

DO ESTRANGEIRO

— A guerra na Terra Santa continua acesa e os lugares Santos têm sido teatro de terríveis combates.

— No norte da Palestina, ao sul do mar da Galileia, decorreu a maior batalha entre árabes e judeus.

— O representante israelita no Conselho de Segurança da O.N.U. disse que os judeus que combatem em Jerusalém, estão dispostos a aceitar tréguas incondicionais para a cidade e para os lugares Santos.

— «As forças israelitas receberam ordem de cessar fogo em todas as frentes» — informou nos Estados Unidos a Agência Judaica.

— Os árabes aceitam ordem de cessar fogo dada pelo Conselho de Segurança se a Palestina voltar à situação política e militar de 15 de Maio.

— Devido às respostas de árabes e judeus, o Conselho de Segurança da O.N.U. evitou votar a moção americana que considera a luta na Palestina uma quebra da paz.

— O conde Bernardotte aceitou o cargo de medianeiro da O. N. U. na Palestina.

— Em Washington pede-se o levantamento do embargo de armas para o novo estado judaico, em virtude de os Estados Unidos o terem reconhecido.

— «A única forma eficaz de pôr termo à luta entre árabes e judeus é a intervenção de uma força neutra bastante poderosa» — informou a Comissão de Tréguas de Jerusalém à O. N. U.

— O dr. Dodge, presidente da Universidade americana de Beirute (Líbano) aconselhou os Estados Unidos a serem mais cuidadosos na sua atitude para com a Palestina, a fim de que o caso não apresse uma terceira guerra mundial.

— Indica-se a senhora Roosevelt para embaixatriz americana no Estado de Israel.

— Reconheceram o Estado de Israel: o Uruguai, a Inglaterra, a Checoeslováquia e a União Sul Africana.

— Os Estados Unidos publicaram uma nota, de réplica, ponto por ponto, às declarações de Estaline em resposta à carta de Wallace.

— Estaline respondeu à «carta aberta» de Wallace, mas apesar de ser «animadora a resposta», nos meios políticos americanos dizia-se que «um Chefe de Estado que se dirige a um chefe de oposição de um país estrangeiro, em matéria de política externa, comete uma incorrecção para com o Chefe do Governo desse país estrangeiro. Se os desejos de paz de Estaline fossem realmente sinceros e não procurasse apenas fazer propaganda teria feito conhecer ao Presidente Truman as suas opiniões sobre possibilidades de uma solução pacífica com os Estados Unidos ou ao Secretário de Estado, Marshall, por via diplomática normal e confidencial».

— Continua a animosidade, na Alemanha, entre o delegado soviético e inglês da Kommandantur.

— A difícil questão do Ruhr parece ter alcançado grandes progressos nas negociações das 6 potências sobre o delicado problema da sua fiscalização.

— Na reunião do Partido Trabalhista inglês, Bevin declarou que «não há motivos para confiança enquanto as nações do Mundo não se comprometerem a uma segurança colectiva, como princípio fundamental».

— Hoffman, administrador do Plano de Recuperação Europeia, afirma que «a única linguagem que os ditadores compreendem é «da força» e que «o malogro do plano de recuperação europeia significaria a terceira guerra mundial».

— A Dinamarca e a Noruega, na intenção de reforçarem a sua defesa, pediram à América do Norte fornecimento de armas e munições.

— A Rainha Guilhermina, da Holanda, vai abdicar em Setembro, a favor da princesa Juliana.

— O palácio real de Haia foi reduzido a escombros quase totalmente devido a um incêndio, cujas causas se ignoram.

— Está constituído o novo Governo italiano.

— O presidente da República da Finlândia demitiu o Ministro do Interior Leino (comunista) depois da censura no parlamento contra ele, por ter entregado 10 cidadãos finlandeses às autoridades russas.

— Os Estados Unidos estudam a possibilidade de receberem, nos dois anos mais próximos, cem mil pessoas deslocadas.

— A distribuição do correio em grande parte da Inglaterra, especialmente para as regiões rurais mais distantes, far-se-á por aviões ligeiros, a partir de dia 1 de Junho.

— Está a construir-se um novo modelo de «asa voadora» para usos comerciais e que será denominado «Conet DH 106», semelhante a outro que nos ensaios de velocidade teria atingido 1.120 quilómetros por hora.

— Das 44 mil casas destruídas na Holanda já só falta reconstruir 10 mil e foram reparadas 400 mil ligeiramente danificadas.

Está em plena realização o projecto de urbanização de que consta a construção de 250 mil casas em 5 anos para solucionar o tormentoso *déficit* da habitação.

— Por se julgarem afundados, desde 1735, na baía de Nápoles, próximo de Cannes, oito galeões espanhois com 700 quilos de ouro, três cientistas americanos e dois pesquisadores franceses dispõem-se a tentar salvar aquela riqueza avaliada em meio milhão de libras esterlinas.

Planalto

TER E LIBERDADE

Não sei se haverá entre os leitores de «O Trabalhador» muitos que nunca tenham ouvido o célebre cantar à alentejna, e não possam, portanto, imaginar, a planície, ao cair da noite, e os homens habituados ao rude trabalho daquelas terras, cantando...

Não me invejo de quem tem
Casas, searas e montes
Só me invejo de quem bebe
Água de todas as fontes.

Pois a mim, lembrou-me esta cantiga hoje, mais uma vez, e resolvi dar largas ao desejo de a deixar aqui escrita, como um dos exemplos dessas cantigas e contos com que nos nossos campos, há alguns anos atrás, se manifestava a sabedoria popular. Cantigas, contos, costumes, tudo isso anda hoje tão esquecido... Somos agora uns desenraizados... A cidade faz-nos andar todo o dia numa roda-viva, dispersando-nos por aqui e por ali, e à noite atira connosco para o cinema, para o café, a taberna. Não, não sou daqueles que perante as coisas erradas da cidade, só vêem com bons olhos o viver do campo, viver a que atribuem todas as virtudes. Um dia, voltaremos, talvez, a esse assunto, mas pode-se dizer desde já que tanto a vida rural como a das cidades têm seus defeitos e suas virtudes. O ideal estaria numa constante ligação entre o espírito do campo, fiel à vida e à tradição, e o espírito citadino defensor da liberdade, desejoso de progredir e mais dado às coisas do pensamento.

Mas, estamos a afastar-nos da quadra, e é ela o motivo deste artigo, pois, na sua simplicidade, diz tanto e tão oportuno.

Não me invejo de quem tem
Casas, Searas e montes

Não invejar as riquezas, não se deixar seduzir pelo que os outros têm e nós poderíamos também ter, poderemos, muitos, gabar-nos disso? Com meia dúzia de palavras, a pequena quadra lembra que o principal não é ter... casas, searas, montes, ou acções desta ou daquela companhia; e, depois, noutra meia dúzia de palavras

Só me invejo de quem bebe
Água de todas as fontes

introduz a ideia de que o principal é a liberdade, só ela é digna de ser desejada.

Reparem que é por isso mesmo que estes dois últimos versos nos impressionam: através deles, vemos, confusamente, um homem a correr os campos e a beber em todas as nascentes, e isto traz-nos à alma uma recordação da liberdade, daquela liberdade ideal que o homem nunca chega a alcançar totalmente neste mundo.

É claro que se não quer dizer que a propriedade em si seja prejudicial, e por isso sejam de invejar os miseráveis que nada têm e de lastimar os ricos (todos sabemos como sem um mínimo de propriedade se não pode, pràticamente, ser livre), quer-se dizer que quando há a preocupação do que se tem, o que temos devora-nos — já repararam como se pode fazer esta pergunta: são as moedas que possuem o avarento ou é este que possui as moedas? Pensem um pouco e verão como só se pode responder: o avarento (e quem diz o avarento diz qualquer homem dominado pela preocupação de ter) possui as moedas (e quem diz moedas, diz terras ou prédios, por exemplo), mas é ao mesmo tempo possuído por elas.

Não só quem possui realmente e está dominado pela preocupação com as coisas que possui é devorado pelo que tem. Quem deseja, também está devorado pelo que deseja. Desejar é ter, não tendo — escreveu com muita felicidade um escritor já aqui citado várias vezes. Há, pois, uma certa atitude de liberdade, de não escravização às coisas, que devemos cultivar em nós. Decerto é humano, e legítimo, aspirarmos ao que julgarmos necessário para darmos a medida das nossas possibilidades. Quem não achará humano o ouvinte aspirar a ter material para as suas estátuas? Mas aquilo que se possui deve-se considerar como um depósito a fazer frutificar não só para nosso bem, mas para bem de todos.

C.

«Passou o tempo das reticências mais ou menos oportunas, dos silêncios por cálculo, das dosagens prudentes das verdades a dizer e das verdades a calar. Estas reservas, esta dosagem, esta prudência humana, contribuiram muito para neutralizar os cristãos no mundo, para os amolecer, para encobrir a luminosa doutrina social cristã, para deixar que os inimigos do cristianismo se apropriassem do monopólio das melhorias legítimas e se lançasse na massa trabalhadora o descrédito sobre a religião cristã, desconhecendo-se assim a função social da Igreja».

(Do Capelão dos Patrões Cristãos da Bélgica, Boletim de Março de 1947).

CONSULTAS

P. — *Desejava saber se as madrastas em comunhão de mesa e habitação têm direito ao abono de família.*

R. — Têm direito, sim, senhor. E deve requerê-lo quanto antes, porque o abono só se vence a partir do momento em que é requerido.

P. — *Houve recentemente alteração ao despacho de salários mínimos da Indústria da Covilhã?*

Essa alteração não se verificou para os operários do distrito do Porto?

Ainda estão em vigor no Porto os salários de 19$00, 21$00 e 23$00, para carroagem, torcedor e preparação, respectivamente?

R. — É como diz. Esses salários continuam sem alteração. Mudá-los é assunto que depende do Sindicato, dos Industriais e do I. N. T. P. E. junto destas entidades que tem de se agir, para conseguir qualquer melhoria.

P. — *O meu patrão desconta-me 25% por eu trabalhar só com um tear. Está na disposição de me despedir porque não trabalho com dois. Terá esse direito? A quem me devo queixar? De uma reclamação que fiz no Sindicato nada consegui.*

R. — Efectivamente a convenção colectiva de trabalho permite que o salário seja reduzido até 25%, quando o rendimento do trabalho é manifestamente inferior à média.

Será o caso? Se não é, deve recorrer para a respectiva comissão arbitral. Se é, o melhor é fazer um esforçozinho a ver se aprende ou se se adapta a trabalhar com dois teares.

Compreende: — o rendimento do trabalho é a base do salário. De outro modo, não havia empresa que resistisse.

O trabalhador deve procurar aumentar o rendimento do seu trabalho, sempre que a mais trabalho corresponda mais salário. Mas o consulente é que sabe qual é o seu caso.

P. — *Um empregado, sócio efectivo dum sindicato, com residência em Lisboa, pagando todos os descontos que lhe são exigidos, tem a seu cargo sua mãe, de 70 anos de idade, à qual sustenta há cerca de vinte anos, embora esta more numa aldeia onde sempre viveu.*

Tem o dito empregado direito ao abono de família por sua mãe?

R. — Tem direito, desde que prove que a mãe não tem rendimentos próprios e que é o filho quem provê ao seu sustento e habitação.

P. — *Trabalho na indústria de lanifícios. Sou viuva e tenho a meu cargo dois filhos menores e uma tia com 63 anos de idade. Tenho direito a receber abono por minha tia? Como devo proceder?*

R. — Infelizmente, não pode proceder porque não há direito a abono por colaterais. Veja se a Caixa lhe pode dar algum subsídio extraordinário.

Férias pagas

As férias são uma regalia dos operários prevista e regulamentada por lei. Algumas rectificações ou reajustamentos se impõem, no que se refere especialmente ao período, que em muitos casos é inferior ao que seria para desejar.

Três dias de férias, é, francamente, um período pequeno, devendo, quanto a nós, estabelecer-se como base, um período de férias de oito dias, no mínimo.

Mas ao rever-se o problema das férias não pode deixar-se em claro este de que vamos tratar.

Por mais paradoxal que pareça, em muitas empresas, não são estas quem pràticamente concede férias; é o pessoal que as possibilita.

Nessas empresas — e são muitíssimas — quando um empregado ou operário vai a férias, a sua falta não é suprida por mais ninguém, senão em casos raros. O trabalho faz-se à mesma, com evidente sobrecarga para os companheiros do *ausente*.

As empresas substituem um porteiro, por não poder deixar de ser; mas já não se preocupam com o preenchimento da vaga temporária de um empregado categorizado enquanto goza as férias.

Sucede até que as empresas contam com o brio profissional dos empregados que ficam, para não se preocuparem com as lacunas do pessoal em férias.

Noutras o serviço acumula-se à espera que o responsável regresse e então exige-se dele um esforço que é a anulação da regalia que se lhe concedeu.

Quer isto dizer, que as empresas onde isto acontece deviam ser compelidas a darem uma gratificação suplementar aos empregados que têm de trabalhar intensivamente para manterem o ritmo normal dos serviços.

Entre os bancários cremos ser geral o sistema da dar aos empregados, quando vão para férias, uma gratificação que corresponde a 50% do ordenado dum mês.

É uma fórmula interessante cuja adopção permitiria dizer-se com verdade que são as empresas e só estas quem concede as férias.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

ALÉM DE VÁRIAS INFORMAÇÕES

DÁ-SE RESPOSTA INDIRECTA

A UM PREZADO LEITOR DA PROVÍNCIA

Volta e meia, um ou outro prezado leitor dá-se ao trabalho de nos formular por escrito naturalíssimas dúvidas acerca de determinados «sucessos»... que sucedem na complicada orgânica oficial do jogo da bola em especial da província, onde se vive felizmente à margem das «combinações» e «arranjos» que ocasionam verdadeiras surpresas (...e dizemos «surpresas» para lhes não chamar outra coisa!), chegam-nos amiúde cartas recheadinhas de pontos de interrogação — imediatamente seguidos de muitos outros de exclamação. Ora como as consultas feitas assentam, na maioria das vezes, em interpretação de preceitos legais que alarmam com toda a razão o bom senso daqueles que sequem a par e passo os «problemas» do Futebol Nacional — somos obrigados a lamentar sinceramente as «artimanhas» de inúmeros aspectos que volteiam nestes assuntos, desviando-se do respeitável trilho da Lealdade e da Verdade, para antes «espreitarem» surrateiramente pelas portas falsas e abertas que as Leis e os Regulamentos contêm... como produtos que são da falível inteligência humana!

Queremos nós dizer: — as dúvidas que nos são apresentadas não traduzem, afinal, mais do que a «desconfiança» e o «derrotismo» criados pela frequente aparição de autênticos «arranjinhos». Esta, por desgraça, é que é a situação presente.

Custa-nos mexer nestas «coisas», porque estas coisas são como outras que quanto mais se lhes mexe — pior cheiram!!!... Mas como recebemos ultimamente uma amabilíssima carta solicitando informes acerca de determinada mudança de clube, com o propósito manifesto de ajudarmos numa «habilidade» para a transferência de terceira pessoa («presa» por um clube, mas desejosa de se passar para outro com armas e bagagens), não resistimos à tentação de explanar um pouco sobre o assunto — fazendo a «história» de certos casos com o fim de convencer os interessados a desistirem de processos «duvidosos». Claro que (por lógico melindre) não nos referiremos directamente ao facto mencionado na epístola, mas... a um bom entendedor, meia palavra basta!

O período das transferências de jogadores foi com larga antecedência fixado pela Direcção Geral dos Desportos — até ao dia tal do mês tal. Evidentemente que os «pedidos» apareceram às centenas e muitos deles implicaram, para resolução certa e justa, a organização de «processos» volumosos, demorados e... difíceis. Terminado aquele prazo, mantinham-se em suspenso ainda alguns «ossos duros de roer» que só puderam ser resolvidos ulteriormente. E com a torneira assim aberta, aceitaram-se, a título excepcionalíssimo, novos pedidos de «à última hora» que têm vindo sendo despachados «extra-programa»... oficial.

Neste primeiro aspecto da questão, o mal (segundo nosso entender) não reside nem residiu na aceitação de «pedidos fora do prazo», mas sim e apenas na prévia fixação desse mesmo prazo, visto que nada mais natural e admissível que a este ou àquele jogador (ausente, por exemplo, ou adoentado ou imiscuído em outros assuntos importantes da sua vida particular) só interessar a transferência de clube no meio da época — ou muito próximo até do seu final. E se esse prazo realmente não houvesse sido fixado (tanto mais que não havia nisso qualquer conveniência prática) — claro que ruiriam todas ou quase todas as actuais «desconfianças» sobre as superiores resoluções tomadas após... o encerramento!

Note-se, porém e desde já, que quaisquer «pedidos» formulados devem conter sempre matéria atendível — fundamentando-se por via de regra em mudança de residência dos requerentes, originadas pelas eventualidades do serviço militar, de estudos, ou do desempenho de funções de trabalho público ou privado.

Exemplifiquemos... com dois exemplos apanhados à toa — entrando assim no segundo aspecto da questão.

Além de vários nomes de jogadores sem grande fama, e que por isso não deram muito «nas vistas», surgiram os casos do antigo sportinguista Pedro Pireza e do ex-cufista Eduardo Santos, que se encontravam até há pouco «preso» a um clube alentejano e ao Belenenses — respectivamente. Um está agora a jogar no Barreirense, e outro no Académico de Viseu.

Acerca do primeiro, conseguimos saber que o seu «pedido» foi tomado em consideração por virtude de residir actualmente no Barreiro — onde Pireza está colocado como ferroviário.

Mas referentemente ao segundo...

Referentemente ao segundo, parece-nos que a base do pedido foi também a mudança de residência — mas não como ferroviário ou empregado da Companhia União Fabril, mas sim... como estudante dum colégio particular!!!...

Ora a Lei, repetimos, prevê e autoriza tais factos — quando verdadeiros. E para tanto obriga à apresentação de documentos comprovativos das alegações formuladas, para superior estudo e despacho.

Foi o que fez a Direcção Geral dos Desportos, donde — em essência — não vem o mal ao Mundo. Se os documentos apresentados com referência a Pedro Pireza e Eduardo Santos (não esqueçam que estes dois jogadores são citados apenas como exemplos de tantos outros...) se baseavam ou não em «matérias» verdadeiras, não competia (...nem compete!) à Entidade Desportiva averiguar. Essas dúvidas pertencem à alçada de outro Ministério — que não o da Educação Nacional.

Por outras palavras: — o «pômo» da discórdia, a aparecer e a existir, há que procurá-lo na integridade de carácter das pessoas ou entidades que não tiveram pejo em passarem tais documentos — que embora «verdadeiros» podem conter informações «falsas», prestadas pelos tais «espertos» que voleteiam nestes assuntos tendo-se ao trabalho de «espreitarem» pelas portas abertas das Leis e dos Regulamentos!

E são justamente esses «espertos» que motivam as «desconfianças» criadas pela frequente aparição de autênticos «arranjinhos» — atribuídos, sem motivo justificado, a outrem. Isto na hipótese de haver, de facto, sofisma nos tais documentos...

... ...

Estamos certos que, através das considerações feitas, o nosso prezado leitor encontrará a resposta à sua carta de 28 de Abril p. p. — e razão mais que suficiente para não querer enveredar pelo caminho da Mentira!...

São esses, aliás, os nossos votos.

Terminados os Campeonatos Nacionais começará imediatamente a «taça»

Publicámos no último número o programa dos jogos da I e II Divisões a disputar amanhã. Com eles terminarão os campeonatos oficiais da época de 1947-48, mas logo no domingo seguinte terá início a Taça de Portugal que obedece agora a moldes novos. Depois duma longa competição preliminar que teve o mérito de conservar em actividade algumas dezenas de clubes, entrar-se-á na última fase com 28 concorrentes da Metrópole e um representante — das Ilhas — que alinhará na altura dos quartos de final.

Os jogos são sorteados, como sorteados também os campos a utilizar.

O primeiro sorteio realizou-se na segunda-feira, dia 24, e deu o resultado seguinte:

F. C. do Porto-União de Coimbra, no Porto;

Atlético-Sporting da Covilhã, na Tapadinha;

Cova da Piedade-Torriense, na C. da Piedade;

Sporting C. Port.-V. Guimarães, no Lumiar;

S. L. Benfica-Olhanense, no Campo Grande;

Desportivo de Beja-Portimonense, em Beja;

Belenenses-Leixões, nas Salésias;

Vitória de Setúbal-Barreirense, em Setúbal;

Estoril-Lusitano, na Amoreira;

Famalicão-Oliveirense, em Famalicão;

Académica-Boavista, em Coimbra;

O Elvas-Desportivo de Faro, em Elvas;

C. U. F.-Académico de Viseu, no Barreiro; e

Sporting de Braga-Leões de Santarém, em Braga.

Este sorteio para a primeira eliminatória foi caprichoso — e, duma maneira geral, favorável aos interesses financeiros da prova, visto que os Clubes Grandes não se defrontam, tendo muitas possibilidades de vencerem.

Para Lisboa foram marcados quatro desafios.

Dos 14 pares, só quatro são constituídos por concorrentes da I Divisão.

Interessantes as casualidades dos encontros Benfica-Olhanense e Académico-Boavista se repetirem em dois domingos seguidos — e nos mesmos campos: — amanhã para o Campeonato Nacional e de amanhã a oito dias para a Taça.

O «derby» distrital de Setúbal, marcado para o Campo dos Arcos, deve despertar enorme entusiasmo, havendo também muita curiosidade em ver o que fará o Sporting da Covilhã (com carreira notável na II Divisão) em frente do categorizado Atlético.

PORTUGAL—IRLANDA

Primeira vitória da presente temporada

Depois das derrotas sofridas contra a França (em Lisboa por 2-4, no dia 23 de Novembro de 1947) e contra a Espanha (em Madrid por 0-2, na tarde de 21 de Março de 1948) alcançou Portugal, no domingo passado, a sua primeira vitória internacional da temporada em curso ao vencer a Irlanda por 2-0.

Felizmente, enganámo-nos no vaticínio que formulámos no último número deste semanário. A «força da tradição» foi mais forte do que a «força das circunstâncias». Os sucessos obtidos anteriormente contra os irlandeses (3-1 em Lisboa, e 2-0 em Dublin) tiveram continuação — como prova provada do conhecido adágio popular que garante não haver duas... sem três!

A equipa nacional portuguesa ganhou por mérito próprio e indiscutível a uma selecção de bons jogadores individuais — mas de fraco entendimento global.

É justo que se arquivem nestas colunas os nomes dos representantes lusitanos neste prélio vitorioso: Barrigana (Porto); Serafim (Belenenses) e Alberto (Estoril); Canário (Sporting) substituído por Joaquim (Porto), Feliciano (Belenenses) e Francisco Ferreira (capitão, do Benfica); Jesus Correia, Vasques, Peiroteo, Travassos e Albano (todos do Sporting).

Arbitrou o italiano Generoso Dattilo, muito bem auxiliado pelos juízes de linha portugueses Vieira da Costa (portuense) e Borques Leal (lisboeta).

A Irlanda alinhou: — Moulson: Carey e Martin; W. Walsh, Clarck e Farrell; Hendenson, Coad, D. Walsh, Stevenson e Cglington.

O resultado foi feito aos 19 e 22 minutos da primeira parte, com golos marcados por Peiroteo e Albano, respectivamente.

As escolas de jogadores continuam em actividade

Os leitores já devem ter reparado que não cansamos em dedicar grande interesse à competição que, entre oito equipas da capital. Para isso, porém, importava ter-se feito um trabalho em profundidade, que lamentàvelmente foi descurado.

— Integrado nas festas da «Queima das Fitas» dos estudantes de Coimbra, realizou-se na «capital do espírito» um encontro de basquetebol entre a Associação Académica e o Grupo belga da Universidade de Lovaina.

Os estudantes portugueses venceram — e bem — por 36-31.

(Continua na 8.ª página)

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Mantêm-se as gloriosas tradições da cavalaria portuguesa

O torneio internacional de hipismo, findo esta semana, proporcionou nova e brilhante demonstração do valor dos cavaleiros portugueses.

Em luta contra espanhóis e franceses, couberam aos nossos representantes as mais honrosas classificações.

Vencedores sete vezes seguidas da «Taça de Ouro» da Peninsula, os portugueses conquistaram definitivamente o valioso troféu. Outra prova ganha com o maior brilhantismo foi a «Taça das Nações».

Chefiados pelo comandante Ivens Ferraz, os cavaleiros Correia Barrento, Helder Martins, José Carvalhosa, Henrique Calado reafirmaram o prestígio de que legitimamente goza o hipismo nacional.

Não queremos findar este breve registo sem uma palavra de saudade para o malogrado capitão José Beltrão, recentemente falecido. Não ficará mal, na hora do triunfo, recordar a figura do valoroso cavaleiro português.

Os Jogos Olímpicos e Portugal

Afinal, parece definitivamente resolvida a participação de atletas portugueses no grandioso certame.

Sendo assim, só há que erguer hossanas pelo acontecimento e estugar o passo na preparação dos nossos representantes, sejam eles de remo, de hipismo, de vela, ou de esgrima. Temos a impressão, e oxalá ela se torne realidade, de que, a ser um facto a nossa presença nos Jogos, os atletas de atletismo hão-de também ter lá o seu lugar...

Basquetebol internacional — e nacional

Cumpriu-se a 5.ª jornada do Campeonato Nacional, verificando-se novas derrotas do Benfica e do Belenenses. Os «encarnados» perderam com o Vasco da Gama, por 39-18 e os «azuis» baixaram bandeira frente ao Olivais, de Coimbra, por 43-31.

No confronto entre Lisboa e Provincia que a 5.ª jornada proporcionava, apenas o Atlético pôde vincar superioridade batendo o Fluvial por 30-24.

Decididamente a crise lisboeta acentua-se dia a dia — e há que pôr-lhe cobro, com o rejuvenescimento das equipas da capital.

O 2.º Rallye Automóvel internacional começou a disputar-se com número recorde de concorrentes

Completo êxito revestiu o 1.º Rallye Automóvel Internacional efectuado há um ano e ganho então por um concorrente inglês.

Pois o 2.º Rallye, que começou a disputar-se quinta-feira, termina hoje, na Praça do Império, onde se prepara festiva recepção aos concorrentes, cujo número bate largamente o recorde do ano passado.

Das principais cidades da Europa partiram na 5.ª-feira os melhores volantes do Continente, incluindo os automobilistas londrinos.

O Rallye tem, depois, amanhã, no Estoril a sua nota elegante com um concurso de conforto e provas de gincana.

Boas perspectivas para o Atletismo

Não há dúvida. O Atletismo promete este ano revestir-se duma actividade promissora de largas perspectivas.

O Benfica deslocou-se para Orense — e ganhou seis das oito provas do torneio luso-espanhol ali efectuado.

Nos Campeonatos Universitários, disputados sábado e domingo, na pista do Sporting, bateram-se cinco recordes nacionais.

Amanhã também na pista do Lumiar, realiza-se um encontro sensacional entre atletas portugueses e franceses — estes integrados na equipa «Paris Université Clube» que conta «nomes» consagrados em toda a Europa.

Não há dúvida. Boas perspectivas se deparam ao Atletismo!

A natação no bom caminho

E devia ser assim em todos os desportos: Escolas, escolas, escolas.

Felizmente que a ideia vai ganhando raízes — e na estrada do bom caminho aparecem já alguns viandantes...

O Sport Algés e Dafundo, baluarte n.º 1 da Natação, acaba de apresentar o «relatório» de uma «caminhada» admirável no seu trabalho em profundidade, que devia ser desenvolvido por todos os clubes — de todas as modalidades.

Três dezenas de nadadores, de menos de 15 anos, tomaram parte num torneio que se realizou domingo passado, na magnífica piscina do clube.

Do entusiasmo que a prova suscitou — torna-se desnecessário falar. Estavam em competição trinta rapazes de sangue na... *guelra*.

Vária

Na quarta jornada do Campeonato de Lisboa de Oquei em Campo, Futebol Benfica e Atlético venceram respectivamente o Belenenses e o Oquei de Portugal por 3-0.

— No torneio individual lisboeta de tenis-de-mesa, o benfiquista Júlio Costa está virtualmente apurado vencedor.

— Armando Gonçalves, do Benfica, conquistou o título de campeão regional de amadores-juniores de ciclismo.

— Prosseque o Campeonato lisboeta de Oquei em Patins, no qual o Clube de Sintra, com 15-1 sobre a Amadora (38-2 nas três categorias) registou o melhor resultado do torneio.

BOLETIM MUNDIAL

CLAMAR NO DESERTO

Não vão de todo apagadas as vozes do Congresso de Haia. E se é certo que no tablado internacional a questão tão importante da Palestina polarizou todas as atenções, não se pode dizer que sobre o Congresso «dos loucos» que se aventuraram a idear e tentar uma Europa federada tenha descido a pedra tumular.

Até nos inclinariamos a dizer que no meio do barulho ensurdecedor das batalhas entre judeus e árabes, dos gritos abafados e impotentes da ONU, dos choques e dos estimulos de interesses de toda a espécie que se escondem nos bastidores do drama palestiniano, a voz reconfortante e calma dos visionários de Haia chega a ser uma esperança, em meio de tanta desesperança.

E porquê?

Passou o periodo febril, o periodo daquele entusiasmo que precede os grandes acontecimentos. Estes verificaram-se e mostraram-se em toda a plenitude de obstáculos, de desinteligências, de falta de unidade.

Alguma coisa como descer do sonho à realidade, mas realidade que não representa falência. Realidade que é uma medição de prós e contras, que é um balanço. Ouvimos a voz de um dos assistentes, já calma, a sangue frio! Um desiludido? Longe disso! Um retemperado no espectáculo que poderia ser desalentador, pela falta de preparação e pela heterogeneidade de pareceres, mas que, no fim, pelo próprio «mosaico» de divergências se mostrou um estimulo.

Porque, na verdade, diga-se o que se disser, realizou-se alguma coisa que nunca até então se tinha feito: unir grupos de homens das mais diferentes mentalidades na tentativa, por amor da paz e do progresso dos povos europeus e mundiais, de encontrarem uma forma de entendimento, uma lei comum. Por seu livre arbítrio e por inclinação, cada qual se agregou às três comissões instituidas: a cultural, a económica, e a política.

Na cultural, é o nosso informador que nos resume, procuraram-se os métodos simples, mas ambiciosos, da criação de um Instituto europeu de cultura. Este intercâmbio cultural, que se faz entre os povos, não é já um indicio dessa necessidade, e não será já um principio desse arrebanhar de interesses e vontades para a centralização num ponto, que seria o centro irradiador? Quem sabe! A Comissão económica, como não podia deixar de ser, reflectiu as correntes que atravessam o mundo em demanda da solução desejada: a liberal, a socialista e a sindicalista. Não houve programa comum capaz de prevalecer. Unicamente a unanimidade reconheceu duas grandes verdades: os povos não podem viver isolados, as barreiras alfandegárias são Muralhas da China. Há que procurar remédio para o mal reconhecido, para o bem que se tateia e que, sem ferir soberanias, abdique de si o bastante, cada qual, para o comum viver. A Comissão politica foi talvez a que talhou maior polémica e suscitou mais interesse, para fixar-se naquela proposta britânica que antevê um parlamento federal emanado dos parlamentos mundiais, com elementos próprios ou estranhos! Tudo utopia, tudo voz a clamar no deserto?

Começaram por ser pequenas as grandes coisas; despiam as galas das fantasias; acomodaram-se às realidades — mas ficaram na História como pedras a marcarem o caminho progressivo e civilizado do homem!

LUSITANUS

Aprendamos economia

Por ABEL VARZIM

PRODUÇÃO (II)

O TRABALHO (*continuação*). Falámos da produtividade do trabalho e das suas causas. Continuando, vamos ver como aumenta com a *divisão do trabalho*.

Chama-se *divisão do trabalho* à entrega de uma mesma tarefa à mesma pessoa. Exemplo: Na fabricação de alfinetes (manual), em vez de cada operário desdobrar o fio, cortá-lo, fazer as pontas e bater as cabeças, um não faz mais nada senão desdobrar fio, outro só cortar, outro só aguçar as pontas, outro só fazer as cabeças. Dividindo assim o trabalho, multiplica-se por cem a produção, porque se especializa cada um numa só tarefa, isto é, naquela para que tem mais aptidões. As vantagens da divisão do trabalho são evidentes:

a) melhor adaptação das tarefas ao sexo, idade, aptidões do trabalho;

b) agilidade muito maior na execução da tarefa;

c) supressão do tempo que se perde passando duma a outra tarefa;

d) diminuição do tempo de aprendizagem;

e) maior rendimento da ferramenta que não pára nunca de trabalhar.

A divisão do trabalho preparou o advento do *maquinismo*. Com efeito, sempre que atinge o seu auge de «perfeição» e que o operário executa os mesmos simples movimentos ininterruptamente, surge a ideia de os substituir pela máquina. A máquina baseia-se no princípio da decomposição das tarefas, e veio aumentar imensamente a produtividade do trabalho Um só cavalo-vapor faz o trabalho de 8 homens; se trabalhar sem interrupção, substitue uma equipe de 24 ou 25 homens. Daí o enorme aumento da produção pelo maquinismo.

A divisão do trabalho que a princípio se fazia ao acaso, tomou um grande incremento com a intervenção de Taylor (1856-1915). Taylor deu a sua fórmula aí por 1880, fórmula que, do seu nome, ficou conhecida por *taylorismo*.

O *Taylorismo* assenta na ideia de que há várias maneiras de realizar a mesma tarefa, por mais simples que esta seja; e que, dentre todas as maneiras uma há que é a mais produtiva e a menos penosa. Trata-se, portanto, de estudar qual é essa maneira «superior» de executar uma tarefa. Isso consegue-se por experiências cronométricas. Uma vez descoberta essa fórmula mágica, há que impô-la ao pessoal. Para o estimular, aumenta-se-lhe o salário e concede-se-lhe prémios quando atingir um determinado rendimento na aplicação do método que lhe foi determinado.

As vantagens do taylorismo são duas: maiores salários e maior produtividade do trabalho.

Psicotécnica — Não tardou, porém, que o taylorismo não fosse ultrapassado. Está bem (pensaram), mas para bem executar determinada tarefa, são precisas aptidões especiais não só físicas como psiquicas, isto é, do organismo e da sensibilidade. Temos, portanto, que: a) — determinar quais são as aptidões requeridas; b) — seleccionar as pessoas que as possuem; c) — iniciar ràpidamente essas pessoas na valorização das suas qualidades.

Chamou-se à solução destes três problemas *ciência do trabalho*, que aplica os conhecimentos da fisiologia e passou à realização na prática com o nome de *psicotécnica*: «palavrões» para os trabalhadores, mas que, por não ofenderem a moral pública, é bom decorar.

Mas como esta «lição» já vai longa, fica o resto para a próxima semana.

OS EFEITOS DO ÁLCOOL

As bebidas alcoólicas obtidas por distilação — aguardentes —, além de ser duvidoso o aproveitamento na alimentação das calorias que encerram, são sempre nocivas pela irritação causada no aparelho digestivo, de modo especial no estômago. O seu uso é por isso de desaconselhar.

Quanto ao vinho, não se prova a sua nocividade ou a sua inutilidade, quando absorvido em pequenas quantidades.

Segundo opinião de certos médicos, o vinho só pode ser considerado um bom alimento, útil ao organismo, quando bebido em pequenas quantidade, em ocasiões espaçadas e pouco concentrado.

Dizem os mesmos médicos que no espaço de 24 horas não deve tomar-se mais de um grama de alcool por cada quilo de peso da pessoa que o toma. Um homem de 70 quilos não deverá, por isso, ingerir, diàriamente, mais de 70 gramas de alcool, ou seja aproximadamente 6 a 7 decilitros de vinho com a graduação habitual.

Além deste uso regrado o vinho torna-se perigoso e é causa de alguns dos maiores males que o homem pode sofrer no corpo e no espírito. A embriaguez retira ao homem o uso da razão, tornando-o semelhante ou inferior aos irracionais. Fisicamente, o ébrio vai gastando inútil e precocemente as suas energias.

Não considerando, hoje, os efeitos sociais do alcoolismo, vejamos apenas duas características do alcool.

O álcool é venenoso

O alcool é um veneno, um dos mais terríveis venenos que atacam o sistema nervoso. Um veneno que mata. Já há muitos anos começaram a fazer-se experiências para determinar qual a quantidade de alcool suficiente para matar um animal ou um homem. Esta quantidade é de 7 gramas por quilo de peso para o cão, 6 gramas e meio para o coelho e 6 gramas, também por quilo de peso, para o homem.

Um homem que pese 70 quilos morrerá, por conseguinte, se tomar duma vez 420 gramas de alcool puro, ou 850 gramas (perto de 8 decilitros e meio) de aguardente de 48 graus.

O alcool é verdadeiramente um veneno, pois causa a morte directa e imediatamente, quando tomado em dose elevada.

As bebidas alcoólicas são, por isso, tanto mais nocivas e perigosas quanto mais elevada for a sua graduação alcoólica.

O álcool é contra as vitaminas

As vitaminas são elementos contidos na alimentação, indispensáveis à vida. A sua falta produz graves doenças, entre as quais o béribéri, o escorbuto.

O alcoolismo impede em parte a utilização das vitaminas pelo organismo.

A vitamina A é absorvida pelo intestino mediante a acção da bilis segregada pelo figado. Mas o alcool ataca o figado e a absorção daquela vitamina torna-se dificil no organismo do alcoólico, o que produz uma grave doença da vista.

A vitamina E, necessária à geração, tem a sua utilização dependente da saúde do figado e das glândulas endrócrinas. Mas o alcool ataca também estas glândulas e pode assim causar perturbações gravissimas.

A vitamina K é a da coagulação do sangue. Assegura a produção da substância que faz coagular o sangue quando em contacto com o ar. A produção dessa substância é dificultada no alcoólico, que pode fàcilmente ser vítima de hemorragias por vezes mortais.

A falta de vitamina B produz no alcoólico uma grave afecção do coração chamada myocardite.

De modo geral, a utilização das vitaminas pelo organismo é gravemente prejudicada pela intoxicação ou envenenamento produzido pelo alcool.

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

A azáfama horrivel em que decorre a vida, autêntico labirinto de ideias e ansiedades de toda a ordem, é canseira esgotante e perturbadora.

O repouso do espírito e do corpo para aqueles que levam uma existência de trabalho aturado na luta pelo pão da familia e na solução de problemas que são fadiga dos nervos e da alma, — é absolutamente necessário.

Muitos deturpam a finalidade da folga, do dia de descanso num esgotamento imprudente de energias, cujos efeitos cegamente não prevêem e são de resultados quase e sempre desastrosos.

Mas descanso quer dizer paralização total? Há casos em que assim tem de ser de facto; porém, os que trabalham em ritmo regular e gozam de saúde, não precisam dela. Mudar de ambiente, passear calmo entremeado de paragens ou, quando não puder ser deste modo, a permanência ao ar livre em local recomendado, é revigorar as forças e a boa disposição.

A modalidade adoptada, interessante, educativa e salubérrima, das saídas para o campo nos dias de folga, deve ser estimulada entre os trabalhadores que, nem sempre, aproveitam aqueles momentos a favor da saúde.

O campo ou a praia devem ser os locais preferidos, sobretudo nesta época do ano.

A Natureza é um convite constante ao contacto com ela. Corresponder a esse chamamento é satisfazer este nosso desejo de liberdade, no à vontade isento de pragmáticas, mas vida pura e verdadeira.

Depois de dias seguidos passados na oficina, na loja e no escritório, é um crime a juventude operária, todos os que trabalham, enfim, passarem uma tarde de sol no cinema, nos cafés e nas tabernas. E não raro também à noite, o que mais agrava o mal. No dia seguinte, segunda-feira, regressam à actividade e não lhes repugna descrever «encontros» e «passatempos» dúbios e chistosos, na maioria dos casos mais cansados e menos «vivos»...

Numa visita que fiz há tempo a um dos bairros populares de Lisboa, ruas estreitas, sombrias, de casas amontoadas, encontrei muitas crianças pálidas como virgens de cera, olheirentas e algo tristes como dias sem sol. A falta de luz sentia-se nas casas e nas ruas, e também no olhar daqueles inocentes a deixar transparecer debilidade física por insuficiência de oxigénio.

Quando abandonei o bairro, vieram-me à ideia essas iniciativas preocupadas em levar as criancinhas, na época própria, para as zonas climáticas a saborear as delicias de alguns dias de vida sã. Essas esmolas de luz a tantos pequeninos, para quem tudo é triste à sua roda durante todo o ano, têm tão grande valor que só eles o apreciam devidamente!

Foi numa tarde de domingo que estive naquele bairro. As tabernas estavam cheias de homens... daqueles homens que gastam todos os momentos livres do trabalho assim, desinteressados da família e deles mesmos, a falar «de tudo e de nada», entre copos de vinho e jogadas de cartas. Os filhos lá ficam em casa e mais a mãe, ou pulam pela rua como pintainhos abandonados...

O pouco ou o muito dinheiro daqueles pais egoistas, gasto na taberna, aplicado a favor dos seus num passeio higiénico, tinha justa aplicação e era um bem para todos. Mas não, preferem aquilo, num esquecimento das suas elementares obrigações de pais e maridos!

Os nossos camaradas que vivem na provincia não sentem tanto a necessidade daqueles cuidados com a familia. Toda a sua existência decorre em familiares convivências com o campo. Os seus dias passam diferentemente, mais sádios que os daqueles que têm de fixar-se nas cidades, nomeadamente em Lisboa e Porto.

O depauperamento físico resultante de uma agitação descontrolada, própria da sedução dos meios citadinos de distracções cada vez mais anárquicas, é pórtico por onde entram em elevado número os candidatos a tantas doenças, nomeadamente a tuberculose e o enfraquecimento mental e todas as resultantes dos achaques nervosos.

Vida higiénica, vida de ar livre, de afastamento dessas atmosferas pestilentas!

Vivamo-la todos com alegria; vivam-na com método aqueles que mais precisados dela estão e a quem especialmente nos dirigimos hoje, — a ti, camarada da cidade.

PAULO DA CRUZ

UMA VEZ MAIS, OS "ATRELADOS"

Os serviços da Carris continuam com a mesma eficiência a que os últimos anos nos habituaram, uma eficienciazinha muito raquítica. Continua o mesmo cortejo de desgraças: pessoas desejosas de seguirem para os empregos ou voltarem para casa lá vão formando os já célebres cachos humanos. E continuarão a formá-los, porque nem todos poderão vir a ser accionistas da Carris e a poder andar de automóvel. Os transtornos que este monopólio eterno produz na vida dos pacificos cidadãos desta Lisboa constituem já uma página da história da cidade, e bem negra, por sinal.

E agora deixemos de todo o ar de brincadeira, brincadeira muito séria contudo, porque há aspectos trágicos que se repetem constantemente, sem que a Carris procure remediá-los. A engenharia tem resolvido muitos e dificeis problemas na nossa época, temos maravilhas no campo da electricidade, da televisão, da construção, por exemplo, mas, segundo parece, não há ninguém capaz de resolver o problema de acabar com as guilhotinas de nova espécie que são os tristemente célebres «atrelados». Os ganhos da companhia não dão para estudar o assunto e colocar uns salva-vidas ou quaisquer resguardos em tais carros — os engenheiros da Carris que estudem o problema e indiquem a solução técnica, é a eles que compete, e não a nós, mas a nós compete perguntar se o cuidado com a vida do próximo não valerá um pequenissimo corte nos dividendos.

ACIDENTES DE TRABALHO

Quem se der ao cuidado de ler os jornais diários, certamente se impressionará com a quantidade de acidentes de trabalho que todos os dias se registam. Operários queimados, mutilados, feridos, mortos, em fábricas, oficinas, garagens, em transportes terrestres e marítimos, construções, etc., vítimas uns da sua imprevidência, outros da falta de segurança no trabalho, outros ainda da pouca consciência com que se encara o valor da vida humana.

Acidentes de trabalho! Quanta tragédia vai em cada um que acontece? Quantas lágrimas e sofrimentos na família dos que morrem, são enviados para os hospitais ou perdem uma parte do seu «valor de trabalho»?

«O Trabalhador», na senda que se traçou de elevar o operário, não pode ficar insensível perante todas estas desgraças, a maior parte das quais perfeitamente evitáveis, se conseguirmos fazer concorrer a boa vontade de todos—responsáveis e operários—na guerra ao acidente de trabalho.

Reservaremos, por isso, em cada número, um cantinho do jornal para esta campanha indispensável:

Guerra ao acidente de trabalho!

a voz dos nossos camaradas

«Não posso deixar de lhe participar a alegria que sinto neste momento, por ter sido hoje o primeiro dia de trabalho, depois de um ano de desempregado, e de ter estado assim afastado da família operária e da alegria que nos dá o trabalho quando se trabalha com vontade e com amor!

«Parece-me que a organização de fábrica em que entrei ontem pela primeira vez nos auxilia a trabalhar com satisfação, pois já falei com muitos dos camaradas e nenhum deles se mostrou descontente.

«Muito agradecia levassem, a todos quantos me conhecem e me ajudaram, esta boa notícia e, por mim, a todos agradecesse».

Augusto da Silva

Este camarada é um dos autênticos trabalhadores cristãos. Quatro filhos, soube sempre ter fé, apesar das privações por que passou durante todo o tempo em que esteve desempregado.

Grande é a nossa alegria ao vê-lo de novo colocado, a trabalhar para o bem comum. Já há pão naquele lar! Bendito seja o trabalho!

Depois de tamanha tragédia, ficamos contentes por sabê-lo contente.

O direito ao trabalho, que o Estatuto do Trabalho Nacional proclama e que o senhor Presidente do Conselho uma vez mais recordou no prefácio que aqui publicamos no nosso número de 1 de Maio, foi, para este camarada, uma realidade. Ele está contente e nós todos com ele.

«Eu abaixo assinado, nunca tive a felicidade de ir à escola. Queria escrever bem, mas não sei. Alguém que me ajude a dizer aquilo que eu queria dizer. Tenho 58 anos de idade, não tenho teoria, mas tenho prática, alguma prática da vida e é com ela que eu queria dizer a maneira de se resolverem alguns problemas. Os baldios deviam ser aproveitados, tanto aqueles que pertencem ao Estado como a proprietários grandes ou pequenos. Não aproveitar esses baldios é uma causa grande das privações por que passam muitos trabalhadores que não têm onde trabalhar e de muita falta de géneros. Deviam ser obrigados a cultivá-los. Com isto não quero mais nada senão prestar algum serviço ao nosso jornal e aos trabalhadores.

Manuel Esteves
R. Dr. António José de Almeida, 131
Coimbra

«Quero contar-lhes o meu caso, que me parece digno de ser conhecido. Sou, há 14 anos, empregado motorista ao serviço da Empresa de Transportes de Mercadorias de Abel Machado Faria & C.ª, Lda.. Apanhei uma infecção numa perna e creio que estou livre de perigo, mas não sei o tempo que ainda terei de tratamento.

«Pois bem. No fim da semana, recebi o meu vencimento por inteiro, como se estivesse ao serviço, e ontem o patrão veio visitar-me, conservando-se um bom bocado a falar comigo sobre a doença, o trabalho, a habitação da familia, etc. Ao sair, disse-me que pagaria do seu bolso todos os remédios, que me tratasse bem e que só regressasse ao trabalho quando estivesse inteiramente curado. Já outra ocasião estive 3 meses doente, tendo o patrão necessidade de meter outro empregado para me substituir, mas nunca me faltou o vencimento por inteiro.

Se todos seguissem o exemplo do meu patrão...»

António Mendes Pinheiro
Fermentões — Guimarães

Já estamos arrependidos de publicar o nome do seu patrão. Não tardará muito que se não veja aflito com pedidos de motoristas para trabalharem na sua casa! Mas não tivemos coragem de não o nomear, pois se fôssemos capazes de criar entre operários e patrões o sentimento de comunidade, o espírito de equipa... como tudo isto seria diferente!

Bem haja o teu patão, leal camarada!

Braga manda-nos uma carta cheia de sentimento e de espírito cristão. Reproduzimo-la para conforto de muitos:

«Mário Jorge Alves Martins Coelho, de 17 anos de idade, era empregado na Casa Arte Cristã, de que é proprietário o sr. José da Fonseca. Hábil pintor, frequentou o Patronato da Sé, cuja bandeira ele próprio pintara, e onde era muito estimado.

«Um dia, tuberculizou. Sua mãe é uma pobre viuva com seis filhos menores e sem recursos. Que iria ser dela agora com este filho doente? O patrão do Mário Jorge soube ser bom. Continuou, durante a doença, a pagar-lhe o salário por inteiro e, no dia em que o seu operário morreu, entregou à pobre mãe avultada soma.

Pode ser que vá ferir a modéstia deste patrão divulgando a sua atitude cristã. Pode ser. Mas sabe tão bem, nestes tempos de feroz egoísmo em que vivemos, falar e ouvir falar de casos destes...».

De V.
Ilidio Lima

Sabe bem, de facto, prezado camarada, ouvir falar desta generosidade nos tempos de hoje. Nem tudo está perdido. Para além da frieza da justiça, da insensibilidade das leis, dos regulamentos e dos contratos, o mundo tem mais alguma coisa. E é preciso que tenha. É preciso que haja coração e amor.

Tudo o que fizeres ao mais pequenino dos meus é a mim que o fazes, disse Cristo. Está aqui toda a nossa Fé. E como a nossa Fé é a nossa vitória, venceremos pelo coração e pelo amor.

Hoje riem-se das «pieguices» do coração. Mais valia, porém, ao mundo ser volatilizado pela desintegração da matéria num abrir e fechar de olhos, do que ficar sem coração.

Fizeste bem em contar-nos este caso, por mais melindrada que fique a modéstia desse patrão!

Estamos na Semana da Tuberculose e embora tenhamos de nos congratular com todos os que contribuem para melhorar a sorte dos seus irmãos doentes, a verdade é que ainda há muito que fazer.

Eu adoeci com uma infecção pulmonar e recorri aos médicos do meu Posto, mas como não melhorasse, e me quisesse salvar recorri a uma conferência médica. Receitaram-me estreptomicina que, de facto, me salvou. Para a adquirir, dirigi-me ao Posto que ma negou, aconselhando-me a que me dirigisse à Caixa. Assim fiz, mas como a resposta tardasse e, confiado em que me seria paga a despesa, fiz um empréstimo e tomei a estreptomicina. Pois só ao fim de dois meses me foi enviada resposta definitiva, dizendo que não pagavam a estreptomicina porque a sua eficácia não estava devidamente comprovada. Mandaram-me 1.000$00 para auxilio, quando eu gastei com as injecções e visitas médicas quatro mil e trinta escudos, conforme nota documentada que lhes enviei. Quando pagarei a divida?

Pergunto eu: então não está comprovada a eficácia da estreptomicina? Quem a receita não são os médicos? Eu por mim curei-me com ela.

Outra observação: porque é que nos Postos não há especialidades de Tisiologia?

Mário Paula Alves
Aprendiz gráfico
Rua dos Cavaleiros, 17-3.º dt.º
LISBOA

O 15 DE MAIO

Com o nosso inteiro aplauso, transcrevemos, do semanário «A Ordem», de 22 do corrente:

«Esta é a data refulgente da Sociologia Católica, aniversário da Carta Magna publicada por Leão XIII em 1891.

A longa distância, admiramos a preclara visão desse Papa cujas directivas abalaram o mundo do seu tempo e que hoje, confessada ou inconfessadamente, regem os estadistas de boa-vontade e marcam o avanço social e económico dalguns povos do mundo.

A «Rerum Novarum» foi a primeira consagração da Justiça no plano económico e social moderno. Não é doutrina nova, pois é tal qual a do Evangelho, mas é a actualização de fundamentais conceitos cristãos de Justiça e Caridade.

O quase silêncio em que o 15 de Maio decorre em Portugal pode ser tomado como índice do muito que nos falta fazer em tal capitulo.

Não assim na Bélgica, na França e na Itália, principalmente.

As comemorações em Bruxelas já começaram. Inúmeras delegações das associações operárias, precedidas dos respectivos estandartes, encheram a igreja de S. Miguel e Santea Gúdula onde assistiram às cerimónias religiosas comemorativas, durante as quais o padre De Coninck, S. J., proferiu uma alocução desempoeirada e anti-reaccionária.

Depois organizou-se um cortejo. Milhares de pessoas, com bandeiras, bandas de música, letreiros com a legenda pontificia: «A Paz pela Justiça» — desfilaram até à Grande Praça, onde o ministro Oscar Behogne fez um vibrante discurso, acentuando que foi graças às grandes ideias mestras, definidas na famosa enciclica, em proveito da justiça social, que as forças operárias cristãs puderam desenvolver-se, crescer e tornar-se uma potência que, no mundo inteiro, assegura e protege a civilização entendendo-se com as organizações socialistas, que tendem ao mesmo fim, quando estas respeitam o ensino e a propaganda moral e espiritual necessárias à vida do trabalhador cristão.

Depois do discurso longamente aplaudido, a multidão entoou o canto: «De pé, ó classe operária».

Falou, a seguir, em flamengo, o sr. Segers, que prestou homenagem aos dois pioneiros da luta operária cristã, o padre Rutten e van Overbergh evocando o nome de Leopoldo III, a quem os trabalhadores cristãos têm de prestar justiça.

Em Malines e Hekenthales, realizaram-se, também, grandiosas manifestações.

E porque não, também, em Portugal?».

A VITÓRIA
QUE VENCE É A FÉ

(Continuação da 1.ª página)

Um jornal que se fez, que vive, que se vai aguentando sem outro interesse que não seja o que a vossa Fé lhe empresta, já realizou o bastante para ter direito ao respeito de todos, mesmo dos adversários. Um jornal que se fez, que se vai aguentando, apesar de não ser ainda aquilo que vós idealizastes, se fez e se vai aguentando, diziamos, só com o dinheiro de trabalhadores, já realizou tanto que, se moresse, a sua obra já não morreria!

Avitória que vence o mundo é a nossa Fé.

Esta Fé a espalharemos sempre de cada vez mais, até que os nossos adversários e aqueles que não nos entendem se resolvam a pensar um pouco mais na autêntica existência desta Fé, e comecem a verificar a sério, que, afinal — como aconteceu aos primeiros cristãos — não somos aqueles malfeitores que eles imaginaram que nós éramos.

Se o mundo morre de falta de Fé, aquilo que lhe trazemos que outra coisa é senão a mesma Vida?

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES 5-A a 5-D // LISBOA

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

Temos semanalmente tratado, nas colunas de «O Trabalhador», este tema essencial.

Afirmámos aqui que instrução e educação constituem a mais importante obra de fomento nacional.

Importam mais do que as estradas, sobre as quais rodam os automóveis, pois mais que estes valem os homens que só sobre a educação e a instrução podem encaminhar a vida com dignidade; valem mais do que os portos, porque só mediante elas se consegue atingir o porto do verdadeiro destino humano.

Foram-nos deveras gratas as noticias de inauguração de numerosas escolas por ocasião do vigésimo aniversário da entrada do Senhor Presidente do Conselho para o Governo. Mas o conhecimento das que falta construir não permite que tais noticias nos causem satisfação completa.

Quem escreve estas linhas mora em Lisboa, no populoso bairro da Picheleira.

Como não há ainda escola alguma, estamos certos de que nos planos de futuras construções escolares, hão-de estar as que nesse bairro virão a construir-se.

Se se cuidar ùnicamente da instrução, podem sê-lo em qualquer ponto e de acordo com os modelos das que se têm concluido noutros locais e noutras cidades.

Se porém se pensar na educação daquelas crianças, na maioria filhas de familias cujas donas de casa saem todas as manhãs para o trabalho, será um pouco doutra maneira.

Em volta deste aglomerado estendem-se vastas terras de semeadura expropriáveis.

Porque não adquirirá o Estado, além da superficie necessária para a escola, o terreno suficiente para a criação dum parque infantil, onde se plantassem árvores, onde houvesse alguns passatempos para as crianças, onde duas ou três vigilantes bem formadas orientassem os brinquedos e completassem a educação?

Isto que não exigiria despesas muito elevadas, que poderia ajudar-se a manter-se pela iniciativa privada, livraria as crianças de todos os perigos da rua, e daria às mães que partem de manhã para o trabalho e àquelas que não podem ir passear com eles até aos jardins alguns quilómetros distantes, a certeza de que seus filhos, sem lhes empatarem os movimentos e sem correrem riscos, podem gozar o ar livre, divertir-se e educar-se simultâneamente.

Oxalá as autoridades competentes se decidam a ver por este prisma o problema da educação da criança e que não só na Picheleira, que citámos episòdicamente, mas por toda a parte surjam dentro de pouco tempo, realizações deste género, que não podemos deixar de considerar absolutamente indispensáveis.

MORREU O PADRE FLANAGAN

Continuação da 1.ª pág.)

fez os primeiros estudos e se ordenou sacerdote.

Desde 1914 que se dedicou ao estudo e resolução dos problemas sociais, sendo um pioneiro na defesa dos operários sem trabalho e das crianças sem lar.

A admirável ideia da criação da «Cidade dos Rapazes» surgiu no coração e na mente do padre Flanagan, à vista do confrangedor espectáculo da infância desválida e indigente, entregue aos perigos da vida «livre» e sem lar, no campo e na cidade dos países modernos.

A sua obra nasceu em Omaha, no estado de Nebraska, onde alugou uma casa em ruinas com noventa dólares que pediu emprestados.

Foi em Dezembro de 1917. Arranjou enxergas e caixotes velhos com os quais «fabricou» camas e mesas. Ele próprio, com a ajuda dos primeiros garotos, consertou as paredes e o telhado, instituindo assim o primeiro lar infantil — «casa-mãe» da futura «Cidade dos Rapazes».

A arrojada iniciativa do Padre Flanagan despertou as simpatias da população de Omaha e a «Cidade» foi crescendo até se converter vinte anos mais tarde na formidável obra que o cinema nos deu a conhecer.

Em 1937 — vinte anos depois, a «Cidade dos Rapazes» constituia uma comunidade de quatrocentos rapazes dos 12 aos 18 anos, com oficinas, escolas, serviços de bombeiros, correios, etc.

Milhares de crianças se prepararam ali para a vida, aceitando, voluntàriamente, a disciplina que se lhes exigia; de tal forma se afeiçoavam que as «fugas» eram — se bem se recordam dos filmes — fantasia passageira.

Muitos organismos educativos dos Estados Unidos o consultavam. Viera à Europa, a convite das autoridades de ocupação, a fim de estudar o problema das crianças vitimas da guerra.

Visitou Roma, Viena, Berlim e outras cidades. Há semanas, que era esperado em Lisboa. Infelizmente não o veremos entre nós porque a morte o arrebatou. Contava 61 anos de idade.

A sua obra é como que um facho a servir de exemplo a todos quantos se preocupam com a recuperação social da juventude delinquente.

«A Cidade dos Rapazes» criou raizes e ergue-se hoje como árvore frondosa a que podem acolher-se os transviados.

INQUÉRITO
SOBRE O JORNAL

AINDA ESTÃO CHEGANDO RESPOSTAS AO NOSSO INQUÉRITO SOBRE «O TRABALHADOR». COMO ISTO NÃO PODE ETERNIZAR-SE, FECHAREMOS O INQUÉRITO COM ESTE NUMERO. OS QUE QUISEREM, PORTANTO, RESPONDER-NOS AINDA, DEVEM MANDAR AS RESPOSTAS POR TODA A SEMANA QUE VEM

PUBLICAREMOS DEPOIS OS RESULTADOS DO INQUÉRITO NUM DOS NOSSOS PRÓXIMOS NÚMEROS E SORTEAREMOS OS PRÉMIOS QUE ESTÃO DESTINADOS

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE Todos os direitos reservados

APRENDER SEM QUERER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Prossigamos com o registo de algumas quadras que nos foram enviadas.

Temos pena de que a maioria dos leitores concorrentes se tenham preocupado mais com produções originais do que com o envio das quadras que já são conhecidas.

Daí resultou que, por insuficiência, aliás compreensível, muitas das produções têm sido rejeitadas. Isso não é caso para desânimos, porque brevemente, daremos a todos uma oportunidade para se revelarem, não como poetas, mas como prosadores.

E posto isto...

De *Jodi* — um dos retardatários — recebemos cinco quadras originais. Aproveitamos a última da série:

Se não vens com Deus,
Deus encontrarás.
E tarde me ouvirás
Dizer-te adeus.

A quarta quadra encerra uma ideia interessante, mas mal expressa.

De *Ingénuo*, assíduo decifrador das nossas «Perguntas» e «produtor-amador» de «Palavras Cruzadas», recebemos a seguinte quadra:

Cantinho da nossa casa,
Silêncio grande, profundo.
Bendita a porta da rua
Que nos separa do mundo!

Português, mandou-nos uns «versinhos» *a despropósito* do concurso e de nulo valor literário.

Com certeza que não quis brincar.

Dotapar também mandou uma quadra, a que fazemos — se no-lo permite — uma ligeira rectificação no 1.º verso.

Entra(i), entra(i), meu amigo,
Orgulho-me da tua vinda.
Compartilha da harmonia
Que nesta casa não finda.

Foi pena que não tivesse mandado os dísticos que conhece.

Responda se sabe...

(...e se não sabe leia um dos próximos números)

1) Que são cores primárias?
E cores neutras?
E já agora, que são cores quentes e cores frias?

2) Que diferença haverá entre sépalas e pétalas?

3) Que quer dizer a palavra *inflorescência?*
E *infrutescência?*

Respostas ao n.º 18

1) O Tratado de Methwen, do nome do então ministro da Inglaterra em Portugal, foi assinado em Lisboa, a 27 de Dezembro de 1703.

Por ele se estipulou a entrada livre dos lanifícios ingleses em Portugal e a entrada favorecida dos vinhos portugueses em Inglaterra.

Prejuízos para Portugal? Havia possibilidades de prejuízo, devido à concorrência dos panos ingleses com os lanifícios portugueses e ao desenvolvimento exagerado da cultura da vinha em detrimento doutras culturas essenciais à vida da população.

Até que ponto esses prejuízos foram reais, é difícil saber-se. Em torno do assunto tem-se travado viva discussão.

Em todo o caso, os inconvenientes do Tratado apontados por alguns leitores não são tão exagerados como eles os pintam.

2) Embora a existência de concelhos não ande dependente da dos forais, de modo geral pode dizer-se que o carácter da instituição municipal está fixado num diploma chamado *Carta de Foral* ou *Foral*.

Os Forais eram diplomas que continham as leis particulares por que os concelhos se regiam, e que visavam, principalmente, matéria tributária, ainda que às vezes, sob a aparência de matéria criminal, e os privilégios da população.

É de cerca de 2.230 o número de terras que tiveram foral.

Forais antigos são todos os concedidos desde o Conde D. Henrique até à Reforma dos Forais, mandada efectuar por D. Manuel, em Carta Régia de 22 de Novembro de 1497.

Forais novos, os concedidos por essa Reforma Manuelina.

Forais novíssimos, são os concedidos posteriormente.

3) *Sesmaria*, segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, vem de *sesma* ou *sesmo* que quer dizer a sexta parte de qualquer coisa.

A lei das sesmarias é uma lei agrária promulgada por D. Fernando.

Sesmarias são, segundo as «*Ordenaçoens*», *as dadas de terras, casaes ou pardieiros que forão ou são de alguns senhorios, e que já em outro tempo forão lavradas e aproveitadas e agora o não são.*

Em resumo, a lei diz:

«O senhor de terras que não puder lavrá-las todas, lavrará as que puder e fará lavrar as outras por alguém. Cada lavrador terá as juntas de bois indispensáveis para o amanho das suas terras, para o que se fixará o preço de cada junta, e ninguém se poderá escusar a vender o gado que tiver para isso.

«Se o senhor das terras não cumprir o que lhe é determinado, as justiças apoderar-se-ão das terras e entregá-las-ão a quem as amanhe, durante certo tempo, não podendo o proprietário, entretanto, receber quaisquer fundos dos rendimentos delas.

Quem for apanhado a mendigar sem licença, ou a vadiar, será obrigado a prestar serviço na lavoura, sob penas que podem ir até ao degredo.

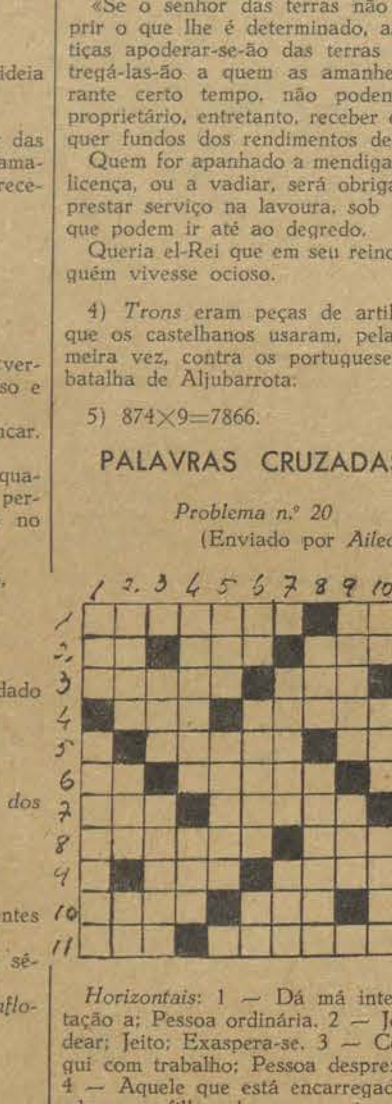
Queria el-Rei que em seu reino ninguém vivesse ocioso.

4) *Trons* eram peças de artilharia que os castelhanos usaram, pela primeira vez, contra os portugueses, na batalha de Aljubarrota.

5) 874×9=7866.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 20
(Enviado por *Aileda*)



Horizontais: 1 — Dá má interpretação a; Pessoa ordinária. 2 — Jornadear; Jeito; Exaspera-se. 3 — Consegui com trabalho; Pessoa desprezível. 4 — Aquele que está encarregado de educar os filhos de pessoas ricas; Fecula da farinha de arroz. 5 — Procrastinas; Consistir. 6 — Terminação verbal; Suarda que se extrai da lã; Tratar levianamente de algum assunto. 7 — Ossos da espinha dorsal dos porcos; Utensílio usado especialmente pelos carpinteiros e tanoeiros. 8 — Saudação; Paixão que a injúria desperta na pessoa injuriada. 9 — Tratamento que se dá aos homens de idade e àqueles de que se não sabe o nome; Transmitira gratuitamente a outrém. 10 — Grandes quantidades; Posto que; Uno. 11 — Preposição e artigo plural; Nascesse.

Verticais: 1 — Variante do pronome eu, quando é precedido de preposição; Nome que se dava aos objectos que serviam de senha, entre os primitivos cristãos. 2 — Campo em que se exerce determinada actividade; Conjunto dos lugares por onde se anda numa povoação, afora os domicílios; Filh ado rio Ináco que Júpiter transformou em vitela para ocultar a Juno o amor que por ela sentia (mit.). 3— Escarnecia; Diz dos rios, na região que banha ainda longe da foz. 4 — Atira; Está. 5 — Prefixo designativo de igualdade; Objecto cuja configuração é igual à de um istmo. 6—Ponto de inserção nas folhas das plantas gramíneas; Resultará; A mim. 7 — Pessoa intratável e mordaz; Importar. 8 — Motivo; Condenável. 9 — As plantas do algodão; Além disso. 10— Terminação verbal; Disparatar; Sapos. 11 — Espécies de macacos; Escolhe.

/—/

No último número saiu uma série de correspondências em atraso, que, por motivos imprevistos, já aqui indicados, não saíram na devida oportunidade. A repetição de nomes outra coisa não significa.

Da irregularidade e do atraso das respostas pedimos desculpa aos interessados.

Toda a correspondência deve ser dirigida para

CÉSAR AFONSO
Calçada dos Barbadinhos, n.º 30 - 1.º
LISBOA

LIGAÇÕES PARA ELVAS

Com a circulação de automotoras na linha de Leste, melhoraram consideràvelmente as ligações ferroviárias com Elvas, as quais permitem ir e voltar no mesmo dia, permanecendo 6 horas naquela cidade.

Um serviço de camionagem, combinado com a C. P., permite ligação entre Elvas e a estação de Caminho de Ferro, a preço económico.

EXCURSÃO

À BATALHA - FÁTIMA - TOMAR

É no dia 30 do corrente, como temos noticiado, que a C. P., em colaboração com a «Wagons-Lits», realiza o circuito turístico Entroncamento — Torres Novas — Batalha — Fátima — Tomar — Entroncamento, em confortáveis auto-carros.

A viagem entre Lisboa-R. e Entroncamento faz-se nos combóios rápidos 51 e 56, com partida às 8,40 da capital, à qual se regressa às 23,55.

O almoço e o jantar são servidos no Entroncamento, em cuja vila se visitarão as modelares instalações da Fábrica de Sumos «Grapina».

Com este e outros circuitos que se seguirão, tem a C. P. em vista proporcionar aos portugueses meios práticos e económicos para visitarem lugares afamados do seu país, os quais, sem estas facilidades, se tornam quase inacessíveis à maioria do público.

A inscrição para esta excursão faz-se na Secção de Informações da estação do Rossio ou na Agência «Wagons-Lits», na Avenida da Liberdade, onde se prestam todos os esclarecimentos.

MIRADOURO

A PROPÓSITO DAS ENCÍCLICAS SOCIAIS (II)

Na Roma antiga com a abundância do trabalho servil, proveniente principalmente dos prisioneiros de guerra, deu-se mais importância também às questões políticas e militares. Roma, que deu ao mundo juristas e guerreiros, quase não teve um pensamento económico; no entanto com Catão e Varrão esboça-se um princípio de economia agrária e estabelece-se, com Columela, uma comparação entre a produtividade do trabalho livre e a do trabalho servo.

Dos séculos V ao XI a economia medieval é essencialmente rural e pouco progressiva, devido a diferentes razões, entre as quais avultam as consequências de uma rudimentar divisão do trabalho e a desfavorável influência do trabalho servo. Nos séculos XI e XII factores políticos e sociais modificam a vida económica, a que a influência da Igreja põe um certo progresso de ordem. Aparece aqui o espírito de associação sob variadas formas: comunas, corporações, guildas, etc.

As cruzadas põem em contacto as civilizações ocidentais e orientais, dão origem a grandes deslocamentos colectivos, facilitam a posse de terras a baixo preço e introduzindo culturas e indústrias novas, dão um notável impulso ao comércio. Por tal facto, os séculos XIII e XIV, dão prosperidade geral e bem estar aos camponeses. É a época do grande desenvolvimento da arquitectura e das revoluções no vestuário e na habitação. O bem estar dos camponeses reflecte-se nas camadas superiores da burguesia que ostenta um certo luxo; é como que um pré-renascimento. Há um traço que caracteriza toda a Idade Média dando-lhe uma espécie de unidade moral: É a preponderância dada aos problemas morais e religiosos. Assim o pensamento económico medieval apresenta-se sob a forma de uma moral económica e social.

Encontramos vestígios de um pensamento económico nas obras de Santo Anselmo, de Abelardo e de Jean Salisbury, aos quais se seguiram no século XIII, o famoso S. Tomás de Aquino, o *doctor angelicus*, autor do «De usuris», Raimundo de Pennafort, S. Boaventura, Santo Antonino e tantos outros, que trataram dos problemas económicos, que o mesmo é que dizer, do bem estar material dos indivíduos.

A ideia geral dominante pode resumir-se nos seguintes pontos: 1.º) o produto deve ser vendido pelo seu justo preço; 2.º) o agente económico deve receber uma justa remuneração.

S. Tomás tem uma doutrina do justo preço, e um grande número de teólogos e de moralistas medievos sustentam que nos casos duvidosos o justo preço deve determinar-se recorrendo-se à avaliação de pessoas de boa moral, honestas e que não tenham nenhum interesse no negócio em causa. Os grandes pensadores medievos não põem em dúvida o princípio e a legitimidade da propriedade privada. Reconhecem que o homem tem um direito natural sobre os bens materiais, porque estes lhe são necessários para a realização do seu fim, e também porque a propriedade estimula o interesse privado. Mas distinguem a posse do uso: o proprietário deve usar o seu bem de harmonia com o direito natural e com a moral, isto é, conforme a lei da caridade. Muitos teólogos medievais admitem mesmo que em caso evidente de extrema necessidade, o pobre sem cometer o pecado do roubo, pode prover a alguma necessidade instante e urgente levantando o necessário do supérfluo alheio ao seu alcance. Demais é necessário distinguir o direito natural do direito positivo, pois nada na natureza fixa a parte de cada um.

(Continua)

GONÇALO

APRENDAMOS CONTABILIDADE

Por DIAS NEVES

PRIMEIRAS NOÇÕES (II)

O artigo 29.º do Código Comercial Português é bem terminante, quando diz, que «todo o comerciante é obrigado a ter livros que dêem a conhecer fácil, clara e precisamente, as suas operações comerciais e fortuna», obrigação ainda muito desconhecida e desprezada, conquanto seja certo, que só pela metódica arrumação dos elementos gestivos, quer se trate de uma empresa comercial, industrial ou agrícola, se poderá, com segurança, orientar qualquer exploração, de modo a provê-la dos meios apropriados à consecução dos fins. Daqui ressalta a importância da contabilidade, que passamos a definir:

CONTABILIDADE: é a ciência que dita os princípios por que se regerão as *contas*, procurando os métodos mais acertados a tornar a *Escrituração* simples, clara, precisa e maleável.

E assim:

ESCRITURAÇÃO: é o registo, metòdicamente elaborado, dos factos e actos gestivos de uma empresa, que dê a conhecer, de maneira fácil, clara e exacta, a existência e o movimento dos valores e os resultados da exploração.

Princípio fundamental da Contabilidade

A contabilidade poderá parecer uma ciência de difícil acesso, mas a verdade é que se tivermos, desde o início de seu estudo, bem presente o axioma que se segue, a porta do seu hermetismo aparente abrir-se-á, como por encanto. Atentemos então:

Quem recebe, deve
Quem entrega, tem a haver

Exemplifiquemos:

Um indivíduo, chamemos-lhe Sidónio, pediu 50$00 a um outro, seu amigo Aníbal, que lhos emprestou. Assim, Sidónio, porque *recebeu* os 50$00, é *devedor* dessa importância a Aníbal, isto é, *deve* essa importância. Mas Aníbal que lhos *entregou* é *credor* da mesma importância, quer dizer, Aníbal *tem a haver* os 50$00 emprestados. E porque:

Quem recebe, deve, é devedor
Quem entrega, tem a haver, é credor.

Pelo exemplo acima, torna-se bem evidente, que se há uma pessoa devedora, há sempre outra que é credora, e porque é assim, assentemos:

Não pode haver devedor sem credor, e vice-versa.

Conta

Suponhamos, que temos um amigo a quem recorremos, numa ocasião de aperto, pedindo-lhe emprestados 800$. Esse amigo, prontamente, se pôs à nossa disposição. A partir daquele momento, fomos amortizando a nossa dívida. Aconteceu, que esse mesmo nosso amigo necessitou, por sua vez, do nosso modesto préstimo, solicitando também um pequeno empréstimo, e nós da melhor vontade o satisfizemos. Nasceram assim, entre nós e esse nosso amigo, várias operações, que seria de elementar utilidade registar, o que se fez, numa folha de papel, de modo a sabermos a nossa posição em relação ao nosso amigo.

À folha ou conjunto de folhas, onde inscrevemos as operações efectuadas com esse nosso amigo, chama-se «*conta*», e no caso desse amigo chamar-se Américo, diríamos tratar-se da «Conta de Américo».

Procuremos assentar ideias, sobre estes princípios, por meio de um exemplo prático.

Suponhamos ter um de nós efectuado as seguintes operações com o nosso amigo Américo:

1948		
Fevereiro	3—Sem empréstimo	800$00
Março	7—Sem pagamento por conta	500$00
Abril	10—Um pagamento para liquidação de meu pedido	300$00
Maio	5—Meu empréstimo	200$00
»	10— » »	200$00
»	15—Sem pagamento por conta	300$00

Esse um de nós terá comprado uma folha de papel «razão» de escrita e registado as operações da forma seguinte, a mais usual:

DEVE — *AMÉRICO* — HAVER

1948				1948			
Março	7	m/ pagamento	500$00	Fever.	3	s/ empréstimo	800$00
Abril	10	m/ »	300$00	Maio	15	s/ pagamento	300$00
Maio	5	m/ empréstimo	200$00				
	10	m/ »	200$00				

No próximo artigo, apresentaremos as considerações que este exemplo nos possa sugerir. Aguardamo-las, interessados, pela sua importância capital para o presente curso.

Página do LAR

VARIEDADES

Massa folhada para pasteis

Pediu-nos uma leitora a receita dos pasteis de nata. Fazer bons pasteis de nata é uma das artes mais difíceis em culinária, pois a massa folhada de que se fazem nem sempre resulta bastante leve e de folhas sobrepostas bem estaladiças. É preciso seguir bem o preceito e também não deixar aquecer a massa com mãos demasiado quentes (ou até suadas...).

Damos em seguida uma receita de massa folhada e continuaremos para a semana a explicar como se fazem, com ela, os pasteis de nata.

É de fabricação demorada porque além do cuidado e atenção a amassar, necessita de descansar.

Tomam-se o mesmo peso de farinha e de manteiga.

Põe-se a farinha num monte sobre a tábua faz-se-lhe um buraco no meio com o punho, e deita-se-lhe água morna com uma pitada de sal e uma gema de ovo desfeita, quanto baste para amassar.

Amassa-se muito bem e bate-se até a massa ficar em tiras ao bater. Estende-se na tábua polvilhada de farinha à espessura de um centímetro aproximadamente. Barra-se de manteiga e dobra-se de um lado e outro para dentro (ficando a superfície dobrada em três) e depois dos lados de novo para dentro sobre estes (de modo que fique como um pequeno envelope dobrado).

Estende-se de novo a massa, a ficar na grossura primitiva e repete-se a operação de barrar com manteiga e dobrar quatro vezes ao todo (gastando de cada vez a quarta parte da manteiga). É preciso cuidado de fazer as dobragens sempre para os mesmos lados. É este o grande segredo do preceito de massa folhada.

Depois da última dobragem a massa deverá descansar um quarto de hora e poderá depois ser estendida e cortada ao feitio requerido conforme o uso que dela deverá ser feito.

Em lugar de manteiga pode usar-se metade manteiga e metade cebo, devendo este ser demolhado e muito bem trabalhado, tirando-se-lhe todos os fios. Deve ficar como manteiga, misturando-se a esta depois de trabalhado.

Em lugar disto pode usar-se margarina *de folhados*, mas que, de momento não existe no mercado.

Há outros preceitos para fazer esta massa. Parece que cada cozinheiro tem a sua receita... No entanto, esta tem-nos dado sempre muito bom resultado.

Precisamos aprender a espirrar!

O borrifo do espirro deixa ficar em suspensão no ar, da sala ou aposento, gotículas carregadas de micróbios. Parece mentira, mas a um metro da pessoa que espirra podem apanhar-se elementos capazes de criar 19.000 colónias de bactérias! Um espirro vigoroso emite cerca de 100.000 partículas portadoras de bactérias tão pequenas que podem permanecer suspensas por mais de um minuto e umas 4.000 por mais de meia hora. É nosso dever abafar os espirros com um lenço ou espirrando de nariz voltado para o chão e a pouca distância deste.

Segredos para lavar a roupa

Também isto tem o seu preceito. Panelas, fervedores ou pratos que serviram para leite, ovos crus, batatas, arroz ou massas devem ser postas de molho, logo depois de servirem, em *água fria*, que dissolve essas matérias (enquanto a água quente as endurece e prende às paredes da panela).

Gorduras e matérias açucaradas só se dissolvem, ao contrário em água bem quente e sabão para as primeiras (a potassa faz as panelas de alumínio pretas, mas pode ser usada para as outras).

O QUE É A MORTE?

Diz um provérbio espanhol: «para gustos se han hecho los colores». Pelas definições que aqui apresentamos da morte, bem se confirma o sobredito. Não deixa de ser curioso enumerar algumas opiniões dos homens sobre a morte. Por elas podemos ver a diferença e a especialidade de seus gostos.

1. *Um fumador:* «A morte é um *cigarro* muito forte, apagado pouco depois de se ter acendido».

2. *Um farmacêutico:* «A morte é uma *pílula* que todos temos de tomar uma vez na vida, antes de nos deitarmos... para sempre».

3. *Um marinheiro:* «A morte é um *porto* em que lança ferro duma vez para sempre o navio da existência».

4. *Um poeta:* «A morte é a *aurora* da verdadeira vida».

5. *Um ébrio:* «A morte é o *último trago* que se toma, brindando à saúde».

6. *Um astrónomo:* «A morte é o *eclipse* total da vida».

7. *Um financeiro:* «A morte é o *balanço* das nossas contas, *o corte de caixa* do fim do ano».

8. *Um filósofo:* «A morte é o *sepúlcro* de nossas penas, a *resolução* dos nossos problemas».

9. *Um corrector de provas:* «A morte é uma *errata* em que todos incorremos».

10. *Um católico:* «A morte é o passo último para a eternidade; a separação transitória da alma do corpo; o chamamento ante o tribunal divino para ajuste de contas; o fim do prazo para adquirir novos méritos; o termo das hipocrisias e prevaricações humanas; a conclusão das premissas das obras da vida; os pontos de interrogação, de admiração e o ponto final de nossos diálogos; a meta da nossa carreira; a ligação definitiva da linha que nos conduz ao céu ou ao inferno.»

OS VELHINHOS E A PRIMAVERA

Que alegria, quando na velhice se renova ainda o encantamento da primavera, quando o amor puro e forte penetra as almas e ilumina as vidas ainda depois que se foi a mocidade e os membros começam a ficar já trôpegos.

Há um amor que não passa com os anos, que não seca com a dor; antes, se acalenta dos trabalhos da vida e se firma nas angústias e nas pessoas.

É aquele amor verdadeiro de que Katrina fala no livro do mesmo nome, do qual reproduzimos há uns números atrás um pequeno trecho.

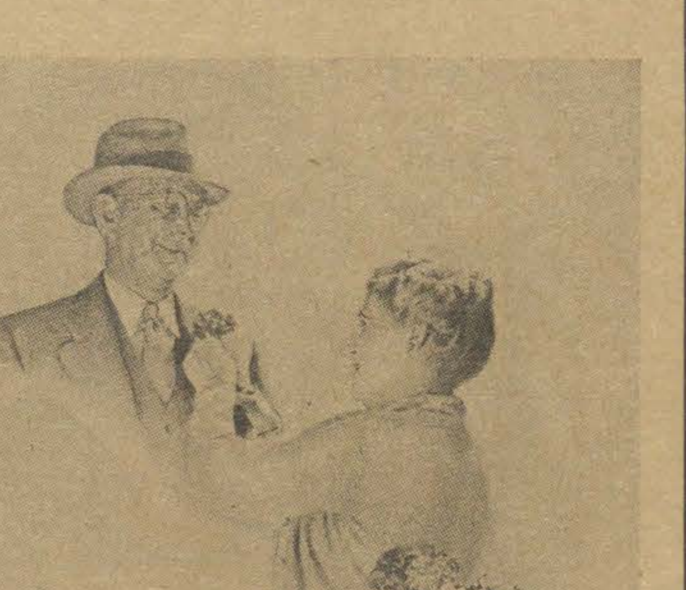
Esse amor cheio de paz, nascido da fidelidade ao passado, da confiança no esforço presente e da serena esperança no futuro, irradia uma luz suave, de que nasce sempre nova vida. Por isso ele não passa e a tudo resiste.

Mãezinhas, paizinhos idosos, avozinhos e avozinhas, o amor constante aos vossos queridos vos fará moços outra vez!

Ora vêde, porque haveis de ser para filhos e netos o símbolo do escuro inverno da vida? Porque não sereis o testemunho de que a generosidade daqueles que não contam por medida, mas estão sempre prontos a dar mais do que lhes é pedido, a vencer o ressentimento e o interesse mesquinho, a mentira e o ciume — que o amor daqueles que são na verdade cheios de amor espalha alegria, e conserva à vida a frescura e o ânimo da primavera?

Lembro alguns velhinhos que, tendo percorrido já quase até ao fim a longa e dura estrada da vida, sabem ainda sorrir docemente um para o outro — porque se os anos tudo lhes roubaram das ilusões da mocidade e de força e do viço não puderam ferir nem diminuir aquele amor que os unia.

Lembro alguns velhinhos de olhos cândidos que são a boa fada dos seus netos, porque são tão cheios de alegria íntima como eles; e penso noutros velhinhos que são ainda a mãezinha e o pai pacientes e bondosos para os filhos e noras e genros que sentem todos como filhos do mesmo rebanho.



É cheia de paz a companhia destes avozinhos, muitas vezes, já fracos no corpo, como se fossem crianças, mas fortes na sabedoria e no amor e na alegria doce da generosidade. Sobretudo a avózinha deve ser em cada família o símbolo de que a alma não envelhece e que na alma há sempre primavera quando nela habita o amor.

Mas, escrevendo isto, lembro também famílias, aí tantas! em que o avô é o sogro e a avó é a «sogra» temível, que não compreende a alegria e, fazendo papel de tirana, finge o amor. Essa, endurecem-lhe cada dia as feições, turvam-se-lhe os olhos e esquece a sua primavera: tem medo da velhice, tem medo de perder a sua independência, tem medo de ser governada — e então governa ela e imprime o seu ferrete em tudo e em todos.

Não é então alegria a sua companhia, antes parece como que um castigo para os seus...

Avòzinhas, avòzinhos espalhem também alegria à vossa volta, agora na primavera, e não queiram ser desmancha prazeres nem odres azedos no meio dos vossos.

Se as coisas já não são como eram no tempo da vossa mocidade, tenham paciência com a gente nova e ajudem-na a encontrar dentro desta vida diferente que hoje se vive, de novo o equilíbrio e a alegria dos bons costumes e do verdadeiro amor, da verdadeira generosidade.

Rindo-vos com a gente nova podeis ajudá-la! Azedando-vos e tudo achando mal nada fazeis por ela.

C. M. A.

A MULHER E O TRABALHO

VÊM-NOS CHEGANDO RESPOSTAS AO NOSSO INQUÉRITO SOBRE O TRABALHO FORA DO LAR.

MAS QUEREMOS MAIS, SEMPRE MAIS.

QUE ACONTECERIA, SE TODAS AS MULHERES TIVESSEM UM OFÍCIO E O EXERCESSEM?

JÁ INDICÁMOS NO ÚLTIMO NÚMERO ALGUNS DOS PRÉMIOS PARA QUEM RESPONDER A ESTE INQUÉRITO.

--MAIS UM CANDEEIRO DE CABECEIRA

--MAIS OUTRO FERRO ELÉCTRICO DE ENGOMAR.

LIMPEZA GERAL

Arreda os móveis das paredes. Varre e vasculha tudo muito bem, sobretudo aos cantos onde se junta mais o lixo. Lava o teto e as paredes. Mas, se estão negros, porque não os caias? É tão simples! Apagas na véspera a cal viva com água e mexes com um pau. (Mas cuidado não deixes as crianças mexer na cal porque se podem queimar. Tu própria, não aproximes a cara do pote). Dá uma primeira demão com a cal a que juntaste um pouco de cloreto e um pouco de soda (para desinfectar e refrescar a atmosfera) e no outro dia dá uma segunda demão juntando desta vez um bocado de grude dissolvido ao lume em água a ferver. Ainda que as outras paredes não precisem caiadas com certeza quererás caiar a cozinha com a chaminé. E que sujos estão os azulejos! Lava-os com água quente e sabão ou carborato. Esfrega bem o chão, a mesa e os bancos (também hás-de limpá-los por baixo). Areia os amarelos e dá uma limpeza maior às panelas. Assim ficará tudo brunido. Agora que tens a cozinha limpa, não quererás embonecá-la? Não tens alguns restos de riscado? Se tens, junta uma peça à outra até teres uma cortina feita de retalhos de todas as cores. Pendura esta debaixo da chaminé, onde, a meia altura porás uma prateleira para guardar o que for preciso. Vais ver como fica alegre o recanto que arranjaste.

Recorta umas tiras de papeis de cor com uns feitios (dobrando-os para os cortar e engomando-os depois).

Com um bocadinho de cola de farinha prega estas à parede onde penduras as panelas. Assim também fica garrido esse canto. Até as panelas já parecem mais novas. Faze o mesmo nas prateleiras do teu pequeno armário.

(Estas tiras têm de ser renovadas de tempos a tempos porque desbotam e encarquilham — por isso há quem pregue nas prateleiras e por trás das panelas para as proteger tiras de riscado ou de retalhos de riscado que se lavam de mês a mês). Não te esqueças também de aproveitar a mesa da cozinha para arrumações como vinha explicado no 2.º número de «O Trabalhador».

Se não tens bocados de chita nem riscado para cortinas compra uns metrozitos, não custam muito caros e gastar dinheiro para embelezar a tua cozinha vale bem mais a pena do que um bilhete de teatro.

(Adaptação do jornal da parede do I. S. S.).

QUADROS VIVOS

A senhora Rita, viuva de setenta e quatro anos, trabalha todo o dia em costura, durante dez e onze horas. Trabalha para se manter limpa e pregadinha e para conservar em ordem e asseio a sua mais que modesta casita.

Tinha dois filhos: Abel e Caim. Abel foi-se há muitos anos para o reino do Senhor. Caim ainda fá ficou a saborear o travo do vinho e das ruins acções. Juntou-se a mulher qualquer e teve dela uma ranchada que se vai criando ao Deus dará. A senhora Rita abriu-lhes um dia as portas. Doía à sua carne vê-los viver de nada. Caim tornou-lhe os dias amargurados. Primeiro sorveu-lhe as economias, depois o salário, sob ameaças de espancamento.

Uma noite a pobre mulher, ao entrar em casa, cansada do trabalho, só lá encontrou quatro paredes: o resto sumira-o Caim com sede de mais vinho. No outro dia turvou-se o sol. Caim ameaçou-lhe a própria vida, porque queria também as quatro paredes. À noitinha a senhora Rita pegou no saco dos seus trapitos e, como uma sombra, lá foi pela estrada fora para outra terra onde Caim não pudesse arrancar-lhe mais lágrimas. Na noite negra, a tremer de medo, apertava um velho terço contra o peito e nele buscava toda a coragem para mais uma vez recomeçar a sua vida.

Maria Teresa Serras

COMPRE E ASSINE «O TRABALHADOR»

FORUM ABEL VARZIM DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
Todos os direitos reservados

O TRABALHADOR
NO MUNDO DO TRABALHO

HORAS EXTRAORDINÁRIAS

OS INCONVENIENTES PARA AS EMPRESAS E PARA OS OPERÁRIOS

As horas extraordinárias são para a maioria das empresas um recurso no caso de emergência quando se impõe a entrega urgente duma encomenda ou quando, como sucede no fim do ano, é necessário colher no mínimo tempo possível o máximo ou a totalidade de elementos para fecho do balanço.

Para as empresas são uma necessidade e para o pessoal um arranjo.

Não discutimos se as horas extraordinárias são ou não são bem pagas. Basta que digamos que a remuneração está fixada por lei: e embora muitas empresas consiqam eximir-se ao pagamento integral das horas extraordinárias, o que é facto é que a maioria cumpre as disposições legais.

Nenhum inconveniente podemos apontar ao sistema das horas extaordinárias; pelo contrário, são grandes as vantagens tanto para o pessoal como para as empresas que não se vêem assim, na necessidade de admitir pessoal eventual que a breve trecho teriam de mandar embora.

E há serviços especiais de que esse pessoal dificilmente se incumbiria.

O mesmo não podemos dizer das horas extraordinárias quando permanentes e integradas no periodo normal de trabalho. Sabemos de empresas em que, há cerca de dois ou três anos, os operários trabalham dez horas — as oito normais e duas extraordinárias, que são pagas como tais.

Vejamos os inconvenientes: os operários são obrigados a um esforço muito maior, esqotante mesmo.

O periodo de oito horas não é impunemente que se ultrapassa. Os operários procuram uma defesa contra o depauperamento de forças que os invade e que se reflecte, num recrudescimento de casos de tuberculose.

Os outros procuram poupar-se nas oito horas para depois fazerem as duas mais folqadas. Ou então, trabalham nas oito para só *fazerem cera* — passe a expressão — nas duas finais.

Inconvenientes, como se vê, para as empresas e para os empregados ou operários cônscios dos seus deveres.

Outro inconveniente, de carácter económico:

O orçamento familiar passado, pouco tempo, já não prescinde, por força de hábitos adquiridos, da gratificação das duas horas extraordinárias.

O que sucede, então?

Os operários não podem trabalhar indefinidamente as dez horas diárias sem grave prejuízo para a saúde; mas por outro lado não podem dispensar um acréscimo de ordenado que se integrara já no cômputo das receitas e despesas familiares.

Por seu turno, a empresa, terá, um dia, de rever o rendimento dos operários durante as horas extraordinárias e, uma vez, considerados os inconvenientes, alargará o quadro para as suprimir, com grave prejuízo para o pessoal antigo, que verá assim, reduzidas as suas receitas semanais.

Não vá supor-se que esgrimimos no ar.

Em resumo: o I. N. T. P. ao conceder licenças para as horas extraordinárias não devia, quanto a nós, concedê-las com carácter indefinido.

RIBA TUA

«O TRABALHADOR» É VENDIDO EM:

— Alenquer, por *D. Cacilda Granada*
— Amadora, por *Joaquim Catarino*
— Azambuja, por *António Fernando*
— Barreiro, na *Tabacaria Internacional*
— Braço de Prata, por *José J. Capucho*
— Cacém, por *Alfredo da Cruz*
— Cacilhas, por *Domingos Ferreira Matoso*
— Carcavelos, por *Carlos Augusto de Oliveira*
— Carregado, por *A. Violante*
— Carregal do Sal, por *António J. Fernandes, Filho*
— Cascais, por *Duarte & Messias*
— Castelo Branco, por *José Vidal Sestay*
— Costendo, por *António Martins Araújo*

COISAS DO FUTEBOL

(Continuação da 3.ª pág.)

Escolas de Jogadores, se vem efectuando em todas as manhãs dominqueiras no excelente relvado das Salésias.

E é que estamos absolutamente convencidos que, no futuro, não nos arrependeremos desta desvelada atenção prestada aos jovens praticantes do futebol.

O Simpático Torneio continua a despertar formidável entusiasmo entre os «azes» de palmo e meio — entusiasmo a que corresponde o público que se reune em grande número no campo das Salésias.

A quarta ronda foi disputada no último domingo, com os seguintes desafios:

— Oriental venceu a Cuf do Barreiro por 5-1;

— Estoril Praia e Barreirense empataram a 0-0;

— Belenenses venceu o Sacavenense por 2-0; e

— o «leader» Casa Pia empatou a uma bola com o Atlético.

Presentemente, a classificação geral é:

	J.	V.	E.	D.	P.
Casa Pia	4	3	1		11
Oriental	4	3		1	10
Barreirense	4	2	2		10
Atlético	4	2	1	1	9
Belenenses	4	1	2	1	8
Estoril	4		2	2	6
Cuf do Barreiro	4		1	3	5
Sacavenense	4		1	3	5

Para amanhã estão marcados os encontros seguintes:

às 9 e 30 — Atlético-Sacavenense;
às 10 e 30 — Belenenses-Oriental;
às 11 e 30 — Barreirense-Casa Pia;
e às 12 e 30 — Cuf-Estoril.

Uma partida inter-regional Aveiro-Porto

Aproveitando o «interregno» motivado pela realização do Portugal-Irlanda, as Associações Distritais de Aveiro e do Porto combinaram uma partida inter-regional que se efectuou no Estádio Mário Duarte sob a arbitragem do bracarense João Vale.

Os portuenses fizeram alinhar: Mota (Boavista»; António Caiado (Boavista) e Carvalho (F. C. do Porto); Gastão (F. C. do Porto), Guilhar (F. C. do Porto) e Romão (F. C. do Porto); Lourenço (F. C. do Porto), Armando (Boavista), Correia Dias (F. C. do Porto), Fernando Caiado (Boavista) e Barros (Boavista). Durante certo período do primeiro tempo, Pedroto (Leixões) substituiu António Caiado, e após o intervalo Guilhar cedeu o lugar a Silva (Boavista).

Os aveirenses, por sua vez, formaram com: Teixeira (Oliveirense); Alves (Sanjoanense) e Nogueira (Beira Mar); Bernardo (Sanjoanense), Joaquim (Oliveirense) e Vivas (Espinho»; Josué (Lourosa), João Tavares (Oliveirense), Balacó (Beira Mar) Cadete (Lourosa) e Vieira (Beira Mar).

José Tavares, e Costa (ambos do Oliveirense) substituiram mais tarde Cadete e Balacó, respectivamente.

A equipa do Porto venceu por 4-1, com golos marcados por Lourenço (2), Correia Dias (1) e Fernando Caiado (1), e Vieira por parte dos aveirenses.

HIGIENE INDUSTRIAL

(Continuação da 1.ª página)

perfurados, ventiladores de vários sistemas, alguns exigindo aparelhos de certa complicação.

Esse ar que vem de fora é às vezes extremamente frio e húmido, o que aconselha a introdução, na oficina, de aparelhos de aquecimento. Outras vezes é quente e demasiadamente seco, e então convém que ele atravesse, antes de chegar ao aparelho que o introduz na oficina, água pulverizada por um jacto de ar comprimido. As modificações a que é submetido o ar que se respira são muito importantes em certas indústrias, tanto para o bem-estar dos operários, como para o rendimento do trabalho. O condicionamento do ar, isto é, a modificação das condições atmosféricas no sentido da melhor satisfação das nossas necessidades fisiológicas, tem-se manifestado em várias indústrias, tanto pelo aumento da produtividade, como pela diminuição da fadiga dos operários e da frequência dos catarros no inverno.

A ILUMINAÇÃO

Quanto à iluminação a revista diz que a luz natural do sol, convém que atinja com intensidade quase igual todas as partes da oficina, tanto as mais próximas das janelas como as mais afastadas. A claridade vinda do norte é mais repousante, por serem mínimas as suas variações de intensidade.

A que vem do sul fatiga e é demasiado quente.

Às vezes é necessário trabalhar com luz coada através de vidros: o vermelho é estimulante; o violeta e o verde são sedativos. As paredes devem ser claras porque reflectem mais a luz.

Por a iluminação artifical adopta-se a electricidade que é pobre de raios químicos e caloríferos, não produz gases e outras matérias provenientes de combustão, não tem vacilações, e não arrasta perigos de incêndio se houver o cuidado de evitar curtos circuitos.

E a revista termina o seu quadro maravilhoso sobre a higiene das oficinas, com as seguintes palavras:

«Asseio, água em boas condições, ar devidamente renovado, iluminação conveniente são disposições a tomar em todas as oficinas, qualquer que seja o trabalho que nelas se executa».

O MONTADOR ELECTRICISTA

Do Boletim do Instituto de Orientação Profissional respigamos, com a devida vénia, os seguintes e muito interessantes elementos de vulgarização sobre uma das mais importantes profissões da actualidade: a de montador eelctricista.

Objecto e natureza do ofício de electricista

O ofício de electricista tem por objecto o trabalho variado das aplicações da electricidade às necessidades da vida.

Há o montador electricista que instala e monta nas casas os fios, os interruptores, os quadros para a luz, e para as campainhas; telefones; etc.; há o montador electricista que monta e instala motores, postos de transformação, estações centrais de electricidade.

A montagem de linhas aéreas é feita por operários especializados, assim como a montagem de linhas subterrâneas.

Há o electricista que constrói a grande e a pequena aparelhagem eléctrica: máquinas, geradoras, condutores eléctricos, etc.

Há operários electricistas especializados que fazem a bobinagem de electródios e de induzidos.

Para a viqilância dos quadros das estações centrais, como dos motores eléctricos, das geradoras e distribuidoras de corrente eléctrica, há operários igualmente especializados.

Por último, há os engenheiros electricistas, que, pela sua cultura e preparação nas escolas superiores, desempenham os mais altos postos no campo das profissões da electricidade. Como se vê, é grande a variedade dos ofícios de electricista.

O trabalho do montador electricista: as ferramentas

As ferramentas que emprega o montador electricista são das mais variadas e não é fácil indicá-las todas com precisão: em primeiro lugar porque «ele necessita trabalhar um pouco em todos os ofícios»; em segundo lugar, porque «além disso os casos que aparecem são tantos e tão diferentes que quase todas as ferramentas, pode dizer-se, lhe são úteis numa ou noutra ocasião».

Indiquemos algumas das mais necessárias: *a)* chaves de parafusos de fenda, chaves de porcas, chaves de boca variável e móvel, chaves de canhão, de pernos redondos; *b)* alicates de pontas chatas e de pontas redondas, alicates para tubos, alicates para cortar; *c)* facas, cepos de cortar esquadrias; *d)* brocas, engenhos de furar, etc.; *e)* esticadores de fios; indicadores de polos, etc.

Os montadores electricistas servem-se ainda de cavaletes, escadas, andaimes de vários tipos.

Em certos trabalhos — circuitos de tensão eléctrica, regulação de arcos voltaicos, soldadura eléctrica, etc. — é de regra o uso de luvas de cauchu, calçado de sola de borracha, óculos escuros, etc.

As aptidões necessárias para ser montador electricista

1) Estatura, média de preferência;

2) Flexibilidade e vigor do corpo; gozar de boa saúde; pulmões e coração em bom estado;

3) Pernas flexíveis e resistentes, porque o trabalho é feito em escadas, sem nenhuma lesão ou deformação, escadotes, andaimes, e em todas as atitudes;

4) Braços, mãos e, sobretudo, dedos com grande agilidade, flexibilidade e habilidade, porque os trabalhos requerem grande destreza, delicadeza e precisão nos movimentos; é bom saber servir-se das duas mãos e saber combinar os movimentos às vezes assimétricos que delas se exigem;

5) Excelente vista — não só de dia, mas de noite; saber ver e apreciar, sobretudo as direcções lineares; não confundir as cores; excelente percepção visual dos espaços, das dimensões, das posições e, sobretudo, das direcções lineares;

6) Ouvir regularmente;

7) Excelente atenção, saber resistir à distracção;

8) Excelente memória visual, das formas, dos comprimentos, das posições e, sobretudo, das direcções lineares;

9) Possuir, além disso, energia e paciência para executar o trabalho e vencer as dificuldades; calma, prudência e sangue-frio, para evitar os acidentes a que se encontra exposto — manejo de ferramentas e máquinas, choques eléctricos, subida aos andaimes, etc.; consciência, probidade profissional, porque todo o trabalho, propositadamente ou por descuido, mal feito emporcalha, rebaixa quem o faz;

10) Possuir conhecimentos bastantes. A instrução primária é indispensável, como base, como mínimo de instrução. Há que ter presente ao espírito esta grande verdade: *o profissional é tanto melhor quanto maior for a sua cultura geral.*

Idade mais favorável para começar a aprendizagem

Dos inquéritos a que o Instituto cuidadosamente procedeu, conclui-se que a idade mais conveniente para iniciar a aprendizagem desta profissão é, entre nós, a de 14 ou 15 anos.

Duração da aprendizagem

Dada a complexidade desta profissão, pode bem dizer-se que, em relação a ela, há sempre muito que aprender, e que, portanto, a duração da aprendizagem é indefinida.

No entanto, para ser um regular profissional são necessários, em média, uns 7 a 9 anos. Para algumas especialidades, contudo, como por exemplo, a de *alta tensão*, não basta este período de tempo. É necessário um mínimo de 15 anos.

Indivíduos que não devem seguir o ofício de electricista

Há individuos que *de modo algum* devem seguir o ofício de electricista.

São aqueles:

1) Que possuem alguma lesão de coração;

2) Que têm varizes ou disposições para elas;

3) Que têm hérnias ou predisposições para elas;

4) Cujo órgão do ouvido não funciona bem e são atreitos a vertigens;

5) Que têm perturbações nervosas dos movimentos;

6) Que estão sujeitos a perdas dos sentidos;

7) Que transpiram muito das mãos;

8) Que sofrem de albuminúria ortoestática.

LEIAM E ASSINEM «O TRABALHADOR»